

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

**AS NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO:
O USO DAS MÍDIAS SOCIAIS COMO FERRAMENTA
NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

**LUCAS MANSUR DORNELES FRAGA
ORIENTADORA: PROF^a DR^a NARA MARIA PIMENTEL**

**BRASÍLIA – DF
OUTUBRO DE 2012**

Fraga, Lucas Mansur Dorneles.

**As novas tecnologias de comunicação e informação:
o uso das mídias sociais como ferramenta no
processo de ensino e aprendizagem/** Lucas Mansur
Dorneles Fraga. Brasília: UnB, 2012.

Trabalho final de curso (Graduação em Pedagogia) –
Universidade de Brasília, 2012.

Orientadora: Professora Dr.^a Nara Maria Pimentel.

LUCAS MANSUR DORNELES FRAGA

**AS NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO:
O USO DAS MÍDIAS SOCIAIS COMO FERRAMENTA
NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dr.^a Nara Maria Pimentel.

Comissão examinadora:

Professora Dr.^a Nara Maria Pimentel

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Dr.^a Ana Maria de Albuquerque Moreira

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Dr.^a Simone Aparecida Lisniowski

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

BRASÍLIA – DF
OUTUBRO DE 2012

TERMO DE APROVAÇÃO

LUCAS MANSUR DORNELES FRAGA

**AS NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO:
O USO DAS MÍDIAS SOCIAIS COMO FERRAMENTA
NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso defendido sob a
avaliação da Comissão Examinadora constituída
por:

Prof.^a Dr.^a Nara Maria Pimentel
Orientadora

Prof. Dr.^a Ana Maria de Albuquerque Moreira
Membro Titular – UnB/FE

Prof. Dr.^a Simone Aparecida Lisniowski
Membro Titular – UnB/FE

BRASÍLIA – DF
OUTUBRO DE 2012

AGRADECIMENTOS

À toda minha família, que sempre me incentivou ao máximo e com o orgulho que tem me fizeram querer a todo momento provar ser digno dele. Um agradecimento especial à minha mãe, minha irmã, tias Edith, Helenice, Lia, Tereza, Vera e tio Lalá e meus primos Lamartine, Lorena e Tâmara.

Aos meus professores e à orientadora Nara Pimentel. Além de suas aulas inspiradas de Políticas Públicas, todo o apoio dado durante a realização deste trabalho. Sem suas palavras em momentos críticos, não concluiria o curso. Também a outros nomes como Ana Polonia, Anelice Batista, Camilla Shimabuko, Gilberto Lacerda, Luciana Gomide e Sandra Ferraz.

Aos meus colegas de UnB. Os que me acompanharam durante todo o curso, como a bela Letícia, ou em curtos períodos como a Ana, o Gustavo, a Mari, a Milde e o Pedro, além de outros muitos. E também, um obrigado especial aos que conheci somente no TCU: Adriano, Alana, Arthur, Carla, Ermita, Gabriel, Kellen, Kriss, Marcelo e Thaísa.

À Amanda Lôbo, ou Dinha, ou princesa, que merece além de um muito obrigado, um beijo carinhoso. Desde o começo, com ela dividi quase todos os momentos na Faculdade de Educação. As boas menções, as duas reprovações, os melhores trabalhos, os feitos de última hora, o estágio sábado à tarde, o carro roubado terça à noite, as aulas que pra gente eram na madrugada e outras que iam até à madrugada, as caronas, as faltas programadas... Entramos juntos, titubeamos juntos, voltamos juntos, passamos juntos e nos formaremos juntos. Juntos, porque não é mais uma colega apenas, ou uma amiga qualquer. Da mesma forma que estão Alan, Camila, Daniel, Fernando, Gabriel, Henrique, Isa, Larissa, Laylla, Natália, Saulo e Taty, e que merecem figurar aqui apenas por serem parte de mim, ela é para vida toda.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo demonstrar que o uso das mídias sociais integradas a um conjunto de ações presenciais contribui para tornar mais atrativo o processo de ensino e aprendizagem. A partir de uma análise atual da influência que o computador, a internet e as novas tecnologias de informação e comunicação exerce no aluno, é apresentado o projeto “Brasília 50 anos em 5 perspectivas”. O trabalho contém estratégias para que o professor aborde um conteúdo curricular através de outras plataformas, como o Facebook e o Twitter. Os alunos, pela proposta, irão interagir com as personalidades históricas da construção da capital. As ações que terminam de compor a proposta de projeto envolvem pesquisa e produção de conteúdo a partir do Museu Virtual da UnB e aulas expositivas do professor. São colocadas, propostas de atividades e avaliação. O projeto foi apresentado a um grupo de professores, que expuseram suas reflexões específicas sobre o trabalho e também, em geral, à criação de novas formas de integrar as ferramentas atuais ao contexto escolar. Espera-se que as reflexões deste trabalho ajudem a suscitar a importância de repensar a forma de atrair a atenção do aluno para a escola, melhorando, conseqüentemente, o processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: educação, processo de ensino e aprendizagem, mídias sociais, computador, tecnologias de informação e comunicação.

ABSTRACT

This project has as objective to demonstrate how social media integrated to a series of classroom activities contributes to make both teaching as well as learning process more interesting. Starting from a current analysis of computer's influence, internet and new information and communication technology on students, the project "Brasilia 50 years in 5 perspectives" is presented. The paper contains strategies that empower teachers to approach school content through other platforms such as Facebook and Twitter. Students, according to the proposal, will interact with historical personalities from the period when the capital was built. The final actions on the approach involve research and content production based on UnB's Virtual Museum and explanatory classes from teachers. Activities and evaluation guidelines are presented. The Project was introduced to a group of teachers, that shared their specific reflections about the paper and also regarding creation of new ways to integrate current tools to school context. It is expected that the reflections on this paper will help evoking the importance of rethinking ways to bring students closer to school, therefore enhancing the teaching and learning process.

Key-words: education, teaching and learning process, social media, computer, information and communication technology.

SUMÁRIO

MEMORIAL ESCOLAR	9
INTRODUÇÃO.....	15
JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS	19
METODOLOGIA.....	20
CAPÍTULO UM: MÍDIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO	21
1.1 A POSIÇÃO DO PROFESSOR	21
1.2 A INTERNET NA EDUCAÇÃO	23
1.3 AS PRINCIPAIS MÍDIAS SOCIAIS	24
1.3.1 Facebook	25
1.3.2 Twitter	27
CAPÍTULO DOIS: AS MÍDIAS SOCIAIS NA PRÁTICA EDUCATIVA: REFLEXÕES A PARTIR DA APRESENTAÇÃO DO PROJETO EDUCATIVO “BRASÍLIA 50 ANOS EM 5 PERSPECTIVAS”	29
2.1 OBJETIVOS	30
2.2 FERRAMENTAS E ESTRATÉGIAS	30
2.2.1 Estratégia A: “História nas Redes Sociais” 31	
2.2.2 Estratégia B: “Museu Virtual”	32
2.2.3 Estratégia C: “Aulas expositivas”	34
2.3 PROPOSTA DE AVALIAÇÃO	35
2.4 PROPOSTA DE DURAÇÃO	35
CAPÍTULO TRÊS: PERFIL DOS ENTREVISTADOS: QUEM SÃO, O QUE PENSAM, DIZEM E FAZEM	36
3.1 SEXO	36
3.2 FORMAÇÃO.....	37
3.2.1 Ano de formação	37
3.3 BREVE HISTÓRICO DE SUA CARREIRA COMO EDUCADOR	38
3.4 CONHECIMENTO E USO SOBRE AS MÍDIAS SOCIAIS	39
3.5 VISÃO SOBRE A FINALIDADE DAS MÍDIAS SOCIAIS	39
3.6 INTENÇÃO DE USO PROFISSIONAL EDUCATIVO DAS MÍDIAS SOCIAIS	41
3.7 EXPERIÊNCIA DE USO DAS MÍDIAS SOCIAIS COMO ESTRATÉGIA DE AULA	42
CAPÍTULO QUATRO: RELATO DAS IMPRESSÕES DOS PROFESSORES SOBRE O PROJETO	44

4.1 PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DO PROJETO APRESENTADO	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53
APÊNDICE	55
APÊNDICE – E-MAIL ENVIADO AOS PROFESSORES	56
ANEXOS	57
ANEXO A – A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL DE ACORDO COM O FACEBOOK	58
ANEXO B – APRESENTAÇÃO DO PROJETO NA DISCIPLINA “COMPUTADORES NA EDUCAÇÃO”	62

MEMORIAL ESCOLAR

Entre aos cinco anos, um pouco tarde se olharmos a realidade atual, logo na chamada pré-escola. Em um colégio pequeno, público, na Metropolitana, próximo a minha casa no Park Way. Sempre gostei muito de escrever e quando entrei na escola demorou pouquíssimo para aprender a ler e escrever. Depois da pré escola, cumpri as três primeiras séries neste escola.

Fiz amigos e logo cedo me propus a “presidente da classe”. Hoje, chamamos de representantes. As lembranças são bem legais, pois faziam as eleições bem próximas da realidade, com todos os cargos, campanha, horário político etc. Fui eleito nos três anos. Entre as minhas próximas de campanha: um filtro de água para a sala de aula e o aumento de 5 minutos no intervalo. Só consegui cumprir uma.

Neste período, eu também fazia teatro aos finais de semana, além de brincar de apresentar programas, cantar, administrar uma emissora de televisão... A comunicação, bem presente na família do meu pai, também esteve muito presente na minha infância. Em 1999, fiz um teste para um comercial. Não passei, mas fui chamado no mesmo dia para outro: uma série sobre os 500 anos do Brasil. Haviam gostado muito do teste, por isso o convite. Contudo, não passei novamente. Alegaram um forte sotaque.

Em um rompante preconceituoso, meu pai decidiu naquele momento que eu não continuaria na escola pública. Minha mãe, funcionária da secretaria de Educação, e eu não queríamos. Ela defendia uma filosofia e eu continuar com meus amigos. Sempre tive poucos e muito próximos amigos. Só que meu pai venceu.

2000 foi o ano que entrei no La Salle, colégio particular. Na quarta série, lembro como ontem da minha mãe me levando até à sala de aula. Um ambiente novo, mais bem cuidado esteticamente. As salas de aula com carteiras posicionadas em formato de u. Chorei, mas fiquei ali. E foram os anos que mais gostei! Já no primeiro dia, sentei com aqueles que foram meus amigos durante quase todo o trajeto escolar.

Algo que hoje analiso – na verdade, já devia sentir naquele momento – era que no novo colégio eu já não tinha um *status* de protagonista, como cheguei a ter na outra escola. Os grupos bem traçados, até estereotipados, que a gente vê em filmes eram reproduzidos no La Salle. Costumo dizer que vivíamos em uma cidade de interior. O colégio no Núcleo

Bandeirante, com poucas turmas, reproduzia bem os grupos já citados. Alguns conseguiam circular entre vários. Eu, por exemplo, circulava bem entre os “nerds” e os “populares”.

Do ensino fundamental, as lembranças que trago são três. Na quinta série, apresentei um trabalho sobre o Nordeste. Um grupo que agrupava muitos membros, de turmas diferentes. Bastante bacana toda a experiência. Fomos, inclusive, a Embratur recolher materiais. Depois de alguns meses, o grupo apresentou a região a todo o colégio, durante a Feira Cultural. Outro momento, já na sétima série, a turma fez uma viagem a Pirenópolis. Conhecemos neste dia a cidade histórica. Acho que um dos meus primeiros momentos de independência. A primeira viagem. Por fim, na oitava série, talvez um dos melhores anos, a viagem de formatura fica na lembrança até hoje. Ah, nestes anos eu fica muito no colégio no turno contrário. Sem aula, apenas exercitando a convivência. :)

Chegando ao ensino médio, um novo mundo. As matérias, o PAS, o vestibular, as novas turmas, os novos professores. Ainda era muito apaixonado pelo colégio e toda sua estrutura no primeiro ano. Sempre bom aluno, sempre boas notas, mas ainda assim apontado como “arteiro”. Seria a comunicação?! No segundo ano, um pouco menos encantado com o colégio, contando já com o fim das aulas no ano seguinte e com novos amigos. Sem dramas, o grupo de amizades mudou, auxiliado também pela nova configuração das turmas. Neste penúltimo ano, um trabalho movimentou todo o ensino médio: a criação de um filme, envolvendo todos os professores. Cada turma, com dois grupos. Meu grupo optou por fazer um filme de suspense, aonde ajudei no argumento, na trilha, na arte e ainda ocupei o papel principal. As gravações foram momentos bastante especiais. A interdisciplinaridade, a competição e a premiação em uma espécie de Oscar são alguns dos elementos dessa atividade. Meu filme, Jus Judicandi, foi um fracasso: apenas um prêmio. Contudo, elogios de uma nova professora fizeram valer a pena. Ela é Camilla Shimabuko, professora de português, que marcou os últimos anos de La Salle.

O último ano teve novamente um trabalho marcante, assim como a primeira nota abaixo da média. Tirei um 6 em química e o medo de uma reprovação foi gigante. No fim do ano, nem recuperação enfrentei. O trabalho, agora a construção de um gibi (no mesmo molde de dois grupos por turma), foi um sucesso. A revista Trakinas conquistou a maior parte dos prêmios. Na noite de premiação, uma espécie de despedida da turma, fomos vencedores, fiz discurso e ainda prestei homenagem a professora que citei acima. Ela, sempre muito

apaixonada pelo ensinar, estampa muitas das lembranças boas que tenho e, além disso, serve como inspiração para qualquer ato educacional que penso.

Nos três últimos anos do ensino médio, enfrentei as provas do PAS. Sempre com uma média em torno dos 50 pontos, escolhi Pedagogia por ser, entre as possibilidades de nota, o curso com o qual parecia mais me identificar. Eu tinha algumas falsas motivações: o fato de gostar de escrever e a possibilidade de poder trocar de cursos. Enquanto alguns me incentivavam a não marcar um curso que não desejava, outros achavam que, por ser UnB, valia. Entre estes, minha mãe.

No vestibular, que não tive maior preparação além das aulas comuns, marquei Administração e passei longe de ser aprovado. No começo de 2008, entrava eu, então, no curso de Pedagogia na UnB. A partir daí, nove temporadas fizeram desta fase da minha vida, anos de mudanças, escolhas e sucesso.

PRIMEIRA TEMPORADA

Já na comunidade do Orkut – a rede social da época – os aprovados em Pedagogia começavam os primeiros contatos. A aproximação com alguns no primeiro dia se deu por conta disso. Interessante que as pessoas às quais me aproximei neste começo, me acompanharam em sua maioria até o final do curso. As disciplinas deste primeiro semestre me assustaram um pouco. Bastante acostumado a utilizar cadernos, fazer anotações daquilo que os professores escreviam, me vi diante de disciplinas que fugiam totalmente a isto. Conheci o lixão da Estrutural, tive aula embaixo da aula, conheci a UnB como disciplina obrigatória, discuti filosofia e dei a minha própria menção ao final do semestre, além de lanches semanais em uma matéria chamada Oficina Vivencial. Das lembranças desta primeira fase, a visita a Cidade Estrutural e uma revista, elaborada por mim e um grupo, sobre as Cinco Linguagens do Amor.

SEGUNDA TEMPORADA

Acostumamos com um semestre de adaptação, bem mais leve do que estava acostumado. Só que nessa temporada, as coisas mudaram. Com um grupo bem estabelecido de amigos, montamos uma grade e enfrentamos juntos disciplinas puxadas e interessantes. A

menção obtida em OEB, por exemplo, foi como uma vitória. Em compensação, perdi uma prova e reprovei em Educando com Necessidades Especiais.

TERCEIRA TEMPORADA

Depois de um semestre, comecei a questionar bastante minha permanência no curso. Decidido a largar o curso, fui convencido pela minha mãe a não largá-lo, e sim iniciar Administração. Feito. Foi um semestre puxado! Além de começar o novo curso e um estágio, me matriculei em duas disciplinas. Uma delas, Educação e Trabalho. Foi excelente estudar a mesma teoria que eu tinha na nova faculdade. A outra foi novamente Educando com Necessidades Especiais. E outra vez, reprovei.

QUARTA TEMPORADA

Agora, sem o estágio, cursei quatro disciplinas na Faculdade de Educação. Passei em Educando, finalmente, e tive contato com Didática e Ensino e Aprendizagem da Língua Materna. Pela primeira vez, foram ensinadas ou sugeridas práticas de aula. Eu percebia entre todos os colegas que uma ideia prática de como dar aula fazia falta. As teorias eram pouco contextualizadas e muitos professores compartilhavam pensamentos altamente ideológicos. Me incomodava bastante incentivar a Educação perfeita, sem indicar caminhos para isso.

QUINTA TEMPORADA

O ano de 2010 foi dos mais corridos. Enfrentamos logo no começo uma greve. Com as adequações do calendário, que deveria suprir dois meses de paralisação, não tive férias em momento algum. Enquanto a UnB não tinha aula, estava eu na Uneb. O primeiro semestre, que se estendeu até quase setembro, foi dos mais produtivos e memoráveis. Orientação Educacional e Educação Matemática I estão, facilmente, entre as matérias mais bem dadas. Sandra Ferraz e Cristiano Muniz são nomes que guardarei e estarão entre os meus exemplos profissionais. Neste semestre ainda, ganhei meu primeiro carro. Em pouco mais de três meses, ele foi furtado no estacionamento da FE, durante uma das aulas de Orientação Educacional. Foi um baque!

SEXTA TEMPORADA

Mantendo o ritmo acelerado do semestre anterior, cumpri 34 créditos no sexto semestre. A meta era encerrar no ano seguinte o curso. Então, ao cursar Políticas Públicas de Educação, ministrada pela minha orientadora Nara Pimentel, tive as primeiras ideias para o trabalho final de curso. Antes disso, estava encantado porque pela primeira vez tinha uma matéria fora da FE e dos pavilhões. Estávamos no ICC. Como muitos, eu parecia finalmente estar na UnB. O curso de Pedagogia fica bastante isolado dos demais cursos. O sexto semestre trouxe outra disciplina bastante significativa: Administração das Organizações Educativas.

SÉTIMA TEMPORADA

2011 foi programado para ser meu último ano na UnB. Pegando o máximo de créditos possíveis para conseguir formar no próximo semestre, tive outras três oportunidades de conhecer conteúdo e professores impressionantes. Educação em Geografia, com Cristina Leite; Avaliação nas Organizações Educativas, com Vieira; e Psicologia Social na Educação, com Teresa Cristina. As três, por diferentes razões, me chamaram atenção. A primeira trabalhou bastante a necessidade de trazer para a realidade do aluno o conteúdo ministrado. Em Avaliação, os termos e as formas de se aplicar uma atividade avaliativa, além dos exames nacionais de Educação foram apresentados. Por fim, com a prof.^a Teresa tratamos um pouco de como a sociedade se forma e constitui em grupo.

Neste ano, comecei um estágio no Tribunal de Contas da União. Lá fiquei um ano e quatro meses, trabalhando no monitoramento de cursos a distância. A oportunidade foi excelente e o trabalho realizado com mérito. Agora, novas ideias para a monografia surgiam.

Como estágio obrigatório, no projeto IV, estive pela primeira vez em sala de aula. Todos os sábados, tinha aproximadamente 20 alunos entre 5 e 6 anos, moradores carentes do Recanto das Emas, como alunos. Experiência enriquecedora que exigiu muito. Planejamento das aulas e execução por minha conta. Embora o conteúdo não fosse curricular, todas as atividades eram pensadas para complementar as aulas e propor debates com as crianças.

OITAVA TEMPORADA

Um semestre que deveria ser o último. Em contato com a orientadora, o tema pensado inicialmente para a monografia envolvia Educação e Trabalho, puxando a Educação a distância para o debate. Em paralelo a isto, a disciplina Computadores na Educação despertava meu interesse. A proposta de projeto deste trabalho foi montada nesta disciplina. Lamentavelmente, a disciplina tinha poucos encontros presenciais. Quando eles aconteciam, as aulas eram excelentes. O professor, Gilberto Lacerda, em determinada ocasião me despertou o interesse em um mestrado envolvendo Tecnologia e Educação. A monografia, entretanto, foi ficando de lado. O trabalho, a outra faculdade...

NONA TEMPORADA

Então, chegamos ao primeiro semestre de 2012. Apenas com a monografia na UnB, a vida profissional começou a ganhar novos capítulos. Consegui um estágio como analista de redes sociais no Ponto dos Concursos, empresa de cursos *on line* para concursos. Também iniciei cursos na área e fui me aperfeiçoando. No começo do ano, não podia imaginar qual seria o cenário que estaria hoje. O tema deste trabalho foi decidido apenas depois de uma ajuda sem precedentes dada pela minha orientadora. Conseguimos então apresentar um tema necessário para a Educação e, além disso, parte do meu dia a dia.

INTRODUÇÃO

A Educação é tema presente na realidade das sociedades há tantos anos que se tornou assunto pétreo, ainda que nem sempre haja consenso sobre seus bons resultados. Os computadores entraram há poucas décadas no dia a dia das pessoas e ainda hoje existem muitas pessoas que não têm acesso ao equipamento ou suas funcionalidades. Quando se pensa em unir Educação e computador, a situação complica-se. Muitos olham com certa estranheza juntar algo tão tradicional com algo considerado ainda novo e cheio de exigências técnicas. De qualquer forma, o assunto tem pautado discussões, não apenas pelas mudanças que Educação e tecnologia tiveram, mas principalmente pelo perfil que assumiu a maior parte da sociedade e, conseqüentemente, os estudantes.

Antes, ainda que houvesse metodologias de ensino e aprendizagem diferenciadas, os alunos eram considerados meros receptores do conhecimento transmitido pelos professores. Foi assim durante muito tempo. Verdade seja dita, correntes teóricas como essa ainda se fazem presente no cotidiano de certo número de profissionais da Educação. No entanto, é notório o avanço, mesmo porque se tornou impossível o professor fazer seu trabalho bem feito, com foco na Educação para a vida, sem considerar o aluno um ser pensante, detentor de conhecimento e o principal ator na construção de novos saberes. Não é que o papel de professor tenha sido reduzido, mas diante da inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) na Educação, a docência passa a exigir uma nova competência, ainda mais dependente da mediatização. Conforme definido por Rocha Trindade *in* Belloni (2009, p. 63):

Mediatizar significa escolher, para um dado contexto e situação de comunicação, o modo mais eficaz de assegurá-la; selecionar o médium mais adequado a esse fim; em função deste, conceber e elaborar o discurso que constitui a forma de revestir a substância do tema ou matéria a transmitir.

Em duas oportunidades, durante a disciplina Computadores na Educação e o estágio de Projeto IV, realizado no Instituto Serzedello Correa - TCU, foi possível identificar sentimentos e práticas relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem, pautados no uso das novas tecnologias de comunicação e informação.

Internet, mídias sociais, redes sociais, EaD, ambiente virtual de aprendizagem, aprendizagem colaborativa, flexibilidade de estudo etc. são termos novos que já estão ou começam a pautar planos de ensino.

Em visitas as escolas, pesquisas com professores e alunos, percebeu-se que todos veem potencialidade no uso tanto de computadores como das redes sociais para dinamizar as

aulas. A resistência encontrada pode ser explicada por fatores facilmente identificados: dificuldade no manuseio das ferramentas, falta de preparo técnico ou interesse; resistência por parte da direção da escola; e descrença no sucesso do projeto, pela possível falta de interesse dos alunos. Em todos os fatores comentados a tradicionalidade que o ensino assumiu é visível. Há uma barreira mais psicológica do que tecnológica, não desmerecendo a necessidade de preparação técnica para uso eficiente das novas ferramentas.

Os alunos e professores recém-formados são mais receptíveis à ideia de misturar conteúdos tradicionais com computadores. Bem mais inseridos, acostumados e até dependentes do equipamento, da internet e das redes sociais, a geração que cresceu ou desenvolveu-se nesse contexto das tecnologias consegue com mais naturalidade entender seu potencial.

O contato instantâneo, a facilidade de emitir opiniões, de trabalhar um mesmo tema de diversas maneiras, em diversas mídias, a rapidez, agilidade e abrangência são alguns poucos pontos positivos das redes sociais, e internet em geral, que podem transformar a forma que professores e alunos se relacionam. Entre os entrevistados, poucos disseram manter relação na internet com seus alunos, apesar de estarem presentes em todas as redes.

Ao considerar Facebook, Twitter, blogs e outros desses *sites* como recentes, entende-se a resistência em utilizá-los. Contudo, o mesmo não pode se dizer de outros inúmeros recursos dos computadores.

Educação a distância (EaD), por exemplo, é prática antiga e já consolidada no Brasil. A EaD tornou-se uma estratégia cada vez mais comum, principalmente no ensino para adultos. O computador hoje é a principal ferramenta nessa modalidade de ensino. Contudo, professores estão de um lado, alunos de outro. Muitas vezes, o relacionamento se dá por outro profissional, um monitor ou tutor.

É preciso analisar que esse cenário de mudança foge à procura de soluções para problemas urgentes de um ou outro sistema de ensino. Não se pode afirmar que a prática de EaD, por si só, já é uma iniciativa contemporânea para uso de novas ferramentas. É preciso articular todas as ferramentas, das mais tradicionais às mais modernas.

Hoje, vê-se que através de políticas públicas as escolas estão se equipando com laboratórios de informática, muitas com equipamentos dentro da própria sala de aula. Dos retroprojetores, os professores começaram a utilizar *slides* para exibição de conteúdos. Algumas mudanças são percebidas, de maneira geral. Governos têm trabalhado para oferecer o mínimo necessário.

Enquanto muitos já atingiram o patamar “power point”, outros já estão com seus quadros digitais, *tablets* e muito mais. São inúmeras as opções de modernizar as aulas.

Considerando, então, a disponibilidade do professor e o apoio técnico necessário, mais coisas devem ser pensadas para atingir o aluno. O medo relatado do aluno “não prestar atenção” é pertinente. Ainda que seja também quando se pensa em aulas tradicionais. Como em qualquer aula, o planejamento é primordial. Seja no quadro negro, no digital ou nas redes sociais, um plano de aula precisa ser bem desenvolvido, definido e claro.

Não se pode reduzir conteúdos para que caibam em 140 caracteres ou transformá-lo em situações cotidianas, dispensando a teoria, datas e outros vieses destacados em livros didáticos, por exemplo. É preciso sim ter conhecimento da melhor linguagem a ser utilizada, da necessidade de adaptação, mas nunca desprestigiar o conteúdo apenas para adaptá-lo à técnica.

Se por um lado o professor não pode esquecer-se do conteúdo, por outro, não pode arriscar-se em mídias sem bem conhecê-las. Mesmo no ensino superior, exemplos do mau uso da computação são vistos: blogs criados e logo abandonados e grupos de discussão sem participação são alguns. Estes são casos percebidos em disciplinas cursadas e em cursos monitorados, na ocasião do estágio obrigatório. Não adianta utilizar o computador apenas para atender uma cobrança dos alunos ou de teóricos. Se não há conhecimento das técnicas a serem utilizadas, melhor estudar e testá-las antes de propor uma aula.

O preconceito em aproximar-se da nova tecnologia é grande entre os professores formados antes dos computadores terem a importância que têm. A resistência de alguns deve ser substituída pela ousadia e, principalmente, vontade de aprender de outros. O profissional de Educação deve ter ciência que a sua formação continuada é prioridade. Ela inclui também a atualização em relação a métodos e técnicas. Muitos alegam não usar computadores, internet e suas possibilidades nem na vida pessoal. Ainda assim, seus alunos usam.

Por isso, Educação e tecnologia são terminologias e concepções que devem se aproximar cada vez mais. O aluno, elemento protagonista da relação escolar, vive imerso na tecnologia. Os professores não conseguirão comunicar-se com seus alunos se não souberem como eles estão falando. Da mesma forma que as aulas e a escola tradicional continuarão afastando os alunos, ou seu interesse, se não tornarem-se atraentes e representativas da realidade vivenciada por eles.

Dessa forma, concorda-se com Belloni (2009, p. 53):

qualquer que seja a definição que utilizemos (e existem muitas) um elemento essencial deve estar presente nesta análise das relações entre tecnologia e educação: a convicção de que o uso de uma “tecnologia” (no sentido de um artefato técnico), em situação de ensino e aprendizagem, deve estar acompanhado de uma reflexão sobre a “tecnologia” (no sentido do conhecimento embutido no artefato e em seu contexto de produção e utilização).

Este trabalho de conclusão de curso retoma o projeto “Brasília 50 anos em 5 perspectivas” e, ao apresentá-lo a um grupo de professores, são analisadas as impressões de docentes sobre a proposta de projeto educativo em que as mídias sociais, entre as tecnologias de comunicação e informação, destaca-se como estratégia de ensino e aprendizagem.

JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

Diante do exposto, esse trabalho se justifica pelo fato do aluno de hoje ter crescido em uma sociedade conectada pela Internet e suas redes sociais. Além de se comunicar com amigos e familiares, ele passou a usar o computador como ferramenta de estudo, ainda que não demandada pelos seus professores. Mídias sociais, como Facebook e Twitter, não têm servido aos professores como instrumento de ensino, mas existem nelas, e em diversas outras possibilidades tecnológicas, potencialidades para a Educação.

É de suma importância que os professores, muitos também conectados pelos computadores, vejam com menor temor o uso de inovações para trabalhar conteúdos curriculares tradicionais. As propostas apresentadas devem servir de insumos para a quebra de um paradigma: de que não é possível utilizar redes sociais como metodologia de ensino.

Assim, o objetivo geral é identificar, através da análise de entrevistas, o perfil de professores e suas impressões sobre o projeto que propõe o uso de novas mídias sociais. Como objetivos específicos, pretende-se ainda:

- Apresentar a necessidade de adaptação do processo de ensino e aprendizagem à existência e importância das mídias e redes sociais.
- Apresentar proposta de projeto de integração de ações presenciais e a distância, com o uso das mídias sociais, para aplicação de conteúdo curricular.

METODOLOGIA

A elaboração de uma pesquisa necessita da escolha de um método. Para Gil (1999, p. 26): “pode-se definir método como caminho para se chegar a determinado fim. E método científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento”.

Neste trabalho, em relação aos procedimentos metodológicos, a pesquisa foi exploratória.

Exploratória já que tem “como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista, a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 1999, p. 43).

Conforme Batista (2010, p. 56):

O caráter da pesquisa exploratória é proporcionar uma visão geral do objeto estudado, como diz o próprio nome, seu principal objetivo é explorar, conhecer o objeto. Frequentemente, é o mais indicado quando o tema escolhido não conta com referências suficientes que permitam a formulação de hipóteses seguras (...)

Dessa forma, fazem parte deste trabalho: levantamento bibliográfico; entrevistas com professores que tiveram ou não experiências práticas com o tema “computadores, internet e Educação”; e análise de exemplos correlacionados.

Assim sendo, quanto aos procedimentos técnicos, o trabalho usa como metodologia inicialmente a pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir de material já elaborado, principalmente livros e artigos científicos na internet e fora dela.

O projeto “Brasília 50 anos em 5 perspectivas”, proposta de projeto educacional deste trabalho de conclusão de curso, é apresentado a um grupo de 11 professores, através de opiniário enviado por e-mail. A partir de então, uma abordagem quantitativa é realizada.

Samara e Barros (2002, pp.30-31) definem:

O estudo descritivo estatístico, ou pesquisa quantitativa, buscará uma análise quantitativa das relações de consumo, respondendo à questão “Quanto?” para cada objetivo (...) Daí a necessidade de esses estudos serem realizados a partir da elaboração de amostras da população, utilizando estatísticas para este fim, pois o que se pretende é extrapolar os resultados obtidos na amostra em estudo para determinada população. Os resultados da pesquisa serão analisados e interpretados a partir de médias e percentuais das respostas obtidas.

A análise não deixa de conter aspectos qualitativos que não são esquecidos para entender as respostas obtidas e os participantes que participaram da pesquisa.

CAPÍTULO UM

MÍDIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO

As pessoas e as tecnologias são dinâmicas e estão em constante transformação. A partir dessa premissa, é possível notar que, ao contrário do que deveria, a escola parece ter estacionado nos primórdios do século XX. De acordo com Chaves (2004), as escolas “são muito conservadoras, resistindo sempre, às vezes com vigor, mesmo às mais tímidas tentativas de mudança da ordem estabelecida”. O resultado é que cada vez mais alunos acham a escola um lugar chato e sem graça. Eles saem de lá sem interesse pelas disciplinas e, muitas vezes, sem aprender o que é ensinado ou suscitado. Os resultados do desempenho de escolas brasileiras em exames nacionais e internacionais mostram que a realidade precisa ser mudada.

Ao abordar a relação entre currículo e Educação, por exemplo, Sacristán (2000) demonstra que qualquer currículo educacional deve levar em conta a realidade do aluno. Setton (2010), por sua vez, acredita que hoje é importante fazer uso das mídias na prática pedagógica para garantir aos alunos uma Educação mais completa e significativa ao nosso tempo. A escola dessa sociedade precisa entender que o aluno não é mais o mesmo de outrora. Ele nasceu em uma era tecnológica e foi exposto a novas formas de aprender desde cedo.

Veiga (2001) já afirmava que o uso do computador é essencial, pois os alunos

ao utilizarem o computador entram em um ambiente multidisciplinar e interdisciplinar, ou seja, ao invés de apenas receberem informações, os alunos também constroem conhecimentos, formando assim um processo onde o professor educa o aluno e ao educar é transformado através do diálogo com os alunos.

Hoje, mais de dez anos depois, o panorama permanece com poucas alterações: a maioria dos alunos não é motivada a usar o computador para a aprendizagem.

Ainda assim, acredita-se que parte dessa realidade pode ser alterada a partir da mudança do trabalho pedagógico, que além de apropriar-se das TICs pode reinventar a Educação por meio das novas possibilidades de ensino e aprendizagem.

1.1 A POSIÇÃO DO PROFESSOR

Infelizmente, muitos professores, pelas mais diversas razões, não estão preparados para a nova realidade e não levam para a sala de aula estratégias motivadoras, neste sentido. Setton (2010) entende que os professores devem se preparar para lidar com essa nova realidade. O papel do professor não pode mais ser de um mero difusor de conhecimentos como foi em outros momentos. Esse papel hoje é melhor desempenhado pelos computadores. O professor deve aprender como motivar seus alunos a usar as tecnologias em proveito do

aprender, no cerne da Educação. Veiga (2001) mostra que, infelizmente, há resistência de muitos educadores à ideia da tecnologia na escola, por acreditar que podem ser substituídos por ela. Não enxergam que a tecnologia pode e deve ser usada como colaboradora. Chaves (2004) entende que as universidades e outras instituições voltadas para a formação de profissionais da área deveriam oferecer cursos de especialização, aperfeiçoamento, extensão, com o objetivo de preparar profissionais interdisciplinares para atuar nas escolas.

Veiga (2001) alerta para o fato de o computador poder ser um aliado ou um inimigo no processo de ensino. A autora afirma que uma excelente maneira de tornar o computador um aliado da aprendizagem é por meio de projetos. De acordo com a autora:

aprender por projetos é uma forma inovadora de romper com as tradições educacionais, dando um formato mais ágil e participativo ao trabalho de professores e educadores. Trata-se mais do que uma estratégia fundamental de aprendizagem, sendo um modo de ver o ser humano construir, aprendendo pela experimentação ativa do mundo.

Mercado (2002) também fala dos vários problemas existentes na formação do “novo professor”, exigido para atuar com uma onda tecnológica. Ele destaca dois pontos: o investimento financeiro para aquisição de aparelhos tecnológicos e o preconceito às novas tecnologias. Realçando que não é apenas uma questão de metodologia, mas também de aparato e condições de serviço, perante uma realidade brasileira com sistema educacional deficiente.

Como formar professores capazes de lidar com a tecnologia usando os meios convencionais? É preciso que a mudança comece dentro das universidades, faculdades, cursos de formação de professores, para que chegue à sala de aula. Por isso, há necessidade de investimento financeiro para aquisição de equipamentos e preparação dos professores, pois esta deve ser feita através dos meios tecnológicos. Segundo Mercado (2002) “é preciso formá-los do mesmo modo que se espera que eles atuem”.

Outro ponto fundamental é a reformulação do pensamento, pois a nova formação exige um novo perfil de professor. Para isso, Mercado (2002) diz que os professores precisam “superar preconceitos e práticas que rejeitam as novas tecnologias mantendo uma formação em que predomina a reprodução de modelos substituíveis por outros mais adequados à problemática educacional”.

Para Duarte (2005, p.1):

As exigências atuais de mercado são múltiplas e complexas. É preciso ser mais flexível, crítico, criativo, e possuir atributos que não se buscavam no passado. Algumas dessas novas exigências do mercado de trabalho do século XXI relacionam-se à importância de um profissional dinâmico e autônomo, capaz de

olhar para determinada situação sob vários ângulos com objetivo de chegar a soluções adequadas.

Comprometimento, competência, crítica, abertura às mudanças, exigência e interação são algumas das características do novo perfil de educador que a sociedade do conhecimento busca (MERCADO, 2002).

Belloni (2009, pp. 53-54) considera que cabe ao docente, diante das novas Tecnologias de Informação e Comunicação, o grande desafio: da mediatização. Segundo a autora:

a educação é sempre foi um processo complexo que utiliza a mediação de algum tipo de meio de comunicação como complemento ou apoio à ação do professor em sua interação pessoal direta com os estudantes. A sala de aula pode ser considerada uma “tecnologia” da mesma forma que o quadro negro, o giz, o livro e outros materiais são ferramentas (“tecnologias”) pedagógicas que realizam a mediação entre o conhecimento e o aprendiz.

Portanto, com o uso das novas TICs nos processos de ensino e aprendizagem, a interação entre o professor e o estudante ocorre de modo indireto e exige uma escolha cuidadosa dos meios técnicos, que considere não apenas as facilidades tecnológicas disponíveis e as condições de acesso dos estudantes à tecnologia escolhida, mas sobretudo sua eficiência em relação aos objetivos pedagógicos e curriculares (BELLONI, 2009 p.55).

1.2 A INTERNET NA EDUCAÇÃO

O uso da Internet no dia a dia mudou a forma como as pessoas se comunicam e mantêm relações. “A internet é uma malha global de redes de computadores que tornou possível a comunicação global instantânea e descentralizada” (KOTLER, 2000, p. 681). Essa forma de comunicação não só mudou como alterou as relações pessoais, comerciais e, inevitavelmente, educacionais. A escola, agora, deve obrigatoriamente fazer parte da rede. Exige-se a comunicação entre atores da escola de forma contemporânea e sintonizada.

Conforme MORAN (1997),

Ensinar na e com a Internet atinge resultados significativos quando se está integrado em um contexto estrutural de mudança do processo de ensino-aprendizagem, no qual professores e alunos vivenciam formas de comunicação abertas, de participação interpessoal e grupal efetivas. Caso contrário, a Internet será uma tecnologia a mais, que reforçará as formas tradicionais de ensino. A Internet não modifica, sozinha, o processo de ensinar e aprender, mas a atitude básica pessoal e institucional diante da vida, do mundo, de si mesmo e do outro.

A palavra-chave é integrar. Integrar a Internet com as outras tecnologias na educação _ vídeo, televisão, jornal, computador. Integrar o mais avançado com as técnicas convencionais, integrar o humano e o tecnológico, dentro de uma visão pedagógica nova, criativa, aberta.

Vive-se um momento na Educação em que se faz necessário trabalhar com meios de comunicação diferenciados, só que, infelizmente, o ambiente que compõe as escolas e outros ambientes educativos são afetados, como já apontado anteriormente, por uma cultura que mantém o aluno em certo distanciamento, presos a métodos tradicionais de ensino. Métodos esses, muitas vezes reforçados principalmente pelo professor.

Professores e alunos podem se relacionar de maneira diferenciada com a ascensão das novas tecnologias de informação, Tomaél; Alcará e Di Chiara (2006, p. 3) entendem que:

A partir do desenvolvimento dos meios de comunicação, principalmente depois da Internet, as relações sociais prescindem do espaço físico e do geográfico, elas ocorrem independentes do tempo e/ou do espaço. E, mesmo assim, as relações em uma rede refletem a realidade ao seu redor e a influência.

É nesse ambiente não físico e geográfico que há relacionamentos, troca de informações e o fim do monólogo informacional. Talvez esse monólogo assuste os mais conservadores. Nas redes, o internauta – que pode ser o aluno, seus pais, seu professor – não se contenta em receber uma notícia e apenas digerir a informação, ele dialoga com a informação e a passa para os seus contatos já com uma nova abordagem. O conteúdo não fica mais na escola, nos livros e na fala, antes pouco questionada, do mestre.

Sobre isto, Rufino (2009, pp. 7-8) comenta:

O crescente aumento na produção de informações, proporcionado pela internet, resultou na necessidade de tornar mais ágil a publicação destas informações a fim de possibilitar um acesso também mais ágil. Mais que isso, surgiu uma necessidade de interagir com as informações. Isso mesmo, o usuário já não estava satisfeito apenas em receber passivamente as informações, ele buscava expressar sua opinião a respeito delas.

Os professores que antes passavam conteúdo sem se importar na forma e no efeito provocado, preocupando-se basicamente com a memorização do aluno, precisam repensar suas ações, sabendo que seus interlocutores agora não são mais passivos e que na Internet eles podem encontrar facilmente qualquer conteúdo. A Escola precisa conquistar o aluno e mostrar-lo que é necessária. O medo de ser substituído por uma máquina deve ser combustível para aperfeiçoamento do professor e não limitador ao se pensar novos meios.

1.3 AS PRINCIPAIS MÍDIAS SOCIAIS

Em face desta reflexão, é importante ressaltar que não se pode mais ignorar sua importância para a Educação como um todo. Assim, uma forma nova de se relacionar e manter a comunicação em um ambiente favorável é inserir ações educativas nas redes sociais,

através da interação entre os atores do ambiente educativo e da transmissão de conteúdo, que deverá se tornar relevante para o aluno.

Nogueira (2010, p.3) é pontual:

Definindo as redes sociais de uma maneira técnica: são assinaturas de identidade social. O padrão de relações entre indivíduos está mapeado pelas preferências e características dos próprios envolvidos na rede. A velocidade da disseminação das idéias ao que tange as redes sociais na internet é uma consequência do seu poder de divulgação.

Há autores que distinguem os termos “redes sociais” e “mídias sociais”, sendo o primeiro a interação de um grupo de pessoas através do segundo, no caso os sítios eletrônicos.

Torres (2009 *apud* Lupatini, 2010, p. 113) define o termo mídias sociais:

(...) são sites na Internet que permitem a criação e o compartilhamento de informações e conteúdos pelas pessoas e para as pessoas, nas quais o consumidor é ao mesmo tempo produtor e consumidor da informação; Elas recebem esse nome porque são sociais, ou seja, são livres e abertas à colaboração e interação de todos, e porque são mídias, ou seja, meios de transmissão de informações e conteúdo.

Recuero (2004) cita alguns sítios eletrônicos (Facebook, Twitter e blogs) como sistemas que abrigam as redes sociais. “Esses sistemas funcionam com o primado fundamental da *interação social*, ou seja, buscando conectar pessoas e proporcionar sua comunicação e, portanto, podem ser utilizados para forjar laços sociais” (RECUERO, 2004, p.7).

É através da conexão desejada entre professor, aluno e conteúdo que um novo trabalho deve ser desenvolvido. Nos ambientes virtuais, no uso da Internet, das redes sociais e do computador, em geral, que pode estar a retomada do interesse do estudante pela escola e de uma ressignificação desta em sua realidade.

A seguir, as principais mídias sociais são apresentadas de forma geral.

1.3.1 Facebook

Atualmente, o Facebook constitui a rede social com maior representatividade no mundo inteiro, incluindo o Brasil. Como relembra Recuero (2009, p. 172):

O Facebook (originalmente, thefacebook) foi um sistema criado pelo americano Mark Zuckerberg enquanto este era aluno de Harvard. A ideia era focar em alunos que estavam saindo do secundário (High School, nos Estados Unidos) e aqueles que estavam entrando na universidade. Lançado em 2004, o Facebook é hoje um dos sistemas com maior base de usuário do mundo (...)

Desconsiderando polêmicas que vão desde seus assuntos administrativos até aos questionamentos sobre privacidade, o sítio atende bem como mídia social. Através dele,

sentimentos como “curtir” e “compartilhar” são transformados em botões que, quando clicados, expressam a opinião do participante a outros muitos.

O Facebook disponibiliza o perfil de seus usuários em formato de linha do tempo, em que é possível pontuar, marcar e destacar as datas de acontecimentos importantes. Dessa forma, o trabalho a ser realizado pelo professor pode transportar seus alunos a momentos anteriores a toda essa disponibilidade tecnológica.

A figura 1 registra trecho da linha do tempo da página Brasília – Patrimônio Cultural da Humanidade. Criada em 2012, a página é tida como um local de compartilhamento de imagens, informações e manifestos sobre a capital federal. Seus criadores utilizaram o recurso da linha do tempo para acrescentar o contexto histórico que envolve a construção da cidade.

Figura 1: Captura de tela da página Brasília – Patrimônio Cultural da Humanidade.

The screenshot shows a Facebook timeline for the page 'Brasília - Patrimônio Cultural da Humanidade'. The timeline is set to the year 1956. The main post on the left is titled 'Inauguração do Catetinho' on November 10, 1956. It features a photograph of a two-story building and text describing the inauguration of a provisional residence for President Juscelino Kubitschek. To the right, there are two smaller posts: one from October 2, 1956, about the first visit of President JK, and another from September 30, 1956, about Oscar Niemeyer's involvement in the urban plan. The interface includes navigation buttons like 'Curtir', 'Comentar', and 'Compartilhar'.

Fonte: Facebook¹

O professor que escolher trabalhar o projeto apresentado, poderá, se quiser, situar suas publicações e criações de marco na data do fato histórico. Dessa forma, acrescenta-se mais informações ao conteúdo gerado.

¹ Disponível em < <https://www.facebook.com/Brasilia.Patrimonio.Cultural>>. Acesso em 10 ago. 2012

1.3.2 Twitter

Rufino (2009, p. 10) caracteriza bem o que é essa mídia social:

O Twitter é uma espécie de SMS – Short Message Service, Serviço de Mensagens Curtas, utilizado nos celulares – em rede. Este serviço permite que os usuários escrevam até 140 caracteres por vez, é um recurso para troca de informações, onde a característica fundamental é a comunicação por mensagens curtas.

Seixas (2009, p. 45), citado por Rufino (2009, p. 10), acrescenta:

O Twitter foi o precursor, aquele que definiu o conceito, as novas possibilidades e a nova forma de irrigar o mundo com conteúdo. Permitiu que uma verdadeira legião de programas, sites e mash-ups pudessem proporcionar formas diferentes de publicar e interagir com a quantidade colossal de mimi-conteúdos já disponível nesse pequeno, e crescente, universo. Já se percebe que ao redor dessa plataforma se forma uma economia própria, onde ela própria é o início e o fim, o meio e o objetivo.

A principal qualidade atribuída ao Twitter, no âmbito mercadológico, está na facilidade de estabelecer comunicação rápida entre seus usuários. O professor usará os perfis criados para o projeto para lançar frases curtas, em até 140 caracteres. Por ele, poderá também responder dúvidas de seus alunos e retuitar mensagens de usuários diversos que tenham a ver com o conteúdo tema.

A rede social pode ser uma opção para o professor, em um perfil próprio, continuar se comunicando com seus alunos e colegas. Muitos profissionais utilizam o microblog para transmissão de informações e conteúdo, a exemplo do que se vê na figura 2.

Figura 2: Captura de tela do perfil do professor Pasquale no Twitter.



Fonte: Twitter²

Diante do exposto, um objetivo deste trabalho, é apresentar ideias e debates acerca das impressões a respeito sobre como professores e alunos, de forma mais lúdica e interessante, podem trabalhar o conteúdo curricular. Intenciona-se demonstrar que o computador e as novas tecnologias de comunicação e informação podem tornar a aprendizagem mais divertida, representativa e eficaz. Além disso, faz-se um indicativo de investigação em verificar se os atores do processo educacional usam o computador como mediador de ensino-aprendizagem. Se sim, como esse uso tem ocorrido, e se não, porque não acontece; verificar se existem dificuldades para trabalhar com essa tecnologia e quais são elas; como a internet auxilia o processo de construção do conhecimento.

² Disponível em < https://twitter.com/prof_pasquale>. Acesso em 09 set. 2012

CAPÍTULO DOIS

AS MÍDIAS SOCIAIS NA PRÁTICA EDUCATIVA:

REFLEXÕES A PARTIR DA APRESENTAÇÃO DO PROJETO EDUCATIVO

“BRASÍLIA 50 ANOS EM 5 PERSPECTIVAS”

O projeto “Brasília 50 anos em 5 perspectivas”³ foi elaborado com o intuito de utilizar as TICs para aproximar os alunos dos dias de hoje com os conteúdos curriculares que os professores precisam abordar. Em torno da história da construção de Brasília e seus mais de 50 anos, alunos e professores sairão do ambiente físico da sala de aula para troca de informações, tendo como principais elementos as figuras históricas, a pesquisa também em meios virtuais e a produção de conteúdo para as mídias sociais.

Herbert Marcuse *apud* SAVAZONI; COHN (2009, p. 17 *in* Formentin; Lemos, 2011, p. 5), em 1941, afirmou que

a tecnologia [deve ser] vista como um processo no qual a técnica propriamente dita não passa de um fator parcial. [...]. A tecnologia, como modo de produção, como a totalidade dos instrumentos, dispositivos e invenções que caracterizam essa era, é assim, ao mesmo tempo, uma forma de organizar e perpetuar (ou modificar) as relações sociais.

Nesse sentido, Formentin e Lemos (2011, p. 6) colocam ainda que:

a técnica por si só pode promover tanto o autoritarismo quanto a liberdade, tanto a escassez quanto a abundância, tanto o aumento quanto a abolição do trabalho árduo. Há, então, necessidade de se trabalhar a tecnologia dentro da sala de aula e mostrar que ao mesmo tempo em que ela pode servir para manter o status quo também poderá mudar a realidade se utilizada com consciência e responsabilidade.

Ainda segundo Formentin e Lemos (2011), existem entraves que não permitem a escola e o professor estarem nas redes sociais. Uma das dificuldades é a estrutura da escola e a postura do professor. Dentro desse contexto, há enorme dificuldade para a escola fazer uso das mídias sociais, porque é preciso que os professores não se sintam comandando alunos, determinando tarefas. Além disso, existem riscos nas redes sociais que a escola não quer assumir, como o da segurança, do *bullying* e da pedofilia. Ainda que eles existam também em sala de aula.

Em artigo sobre as mídias sociais e a educação, as autoras reforçam que as redes sociais não chegaram com o intuito de revolucionar a educação, que não há máquina que mude a escola. O que irá fazer a diferença na escola, é o professor. Não apenas o fato de ele se

³ O projeto foi apresentado em conjunto com Valeska Vieira e Camila Ortiz, na disciplina o Computador na Educação – 2011/2

integrar a uma rede social significa mudança. Antes disso, o professor precisa entender que a educação hoje tem outro significado.

A elaboração do projeto possibilitou a ampliação do tema na medida em que se teve a oportunidade de entrevistar e observar os professores sobre a adoção das diferentes estratégias propostas, como possibilidade de uso das mídias sociais na Educação. Os professores tiveram contato com a proposta de projeto elaborado.

Esse projeto educacional utiliza o *site* Museu Virtual da UnB; as mídias sociais em evidência; e as tradicionais aulas expositivas num conjunto de ações educativas. O tema “Brasília: 50 anos em 5 perspectivas” é genérico e utilizado apenas para exemplificar como é possível modernizar e trazer para o contexto atual uma disciplina presente nos livros tradicionais.

Concluída sua elaboração, os professores que visualizaram o projeto opinaram através de *e-mail* e estas opiniões foram, então, analisadas. A análise vem após a descrição geral do projeto.

2.1 OBJETIVOS

A partir do Museu Virtual de Ciência e Tecnologia da UnB, o objeto de aprendizagem a ser explorado “Brasília 50 anos em 5 perspectivas” foi escolhido por se tratar de tema próximo ao cotidiano das crianças dessa capital.

Os objetivos do projeto educativo são:

- Conhecer a história da capital do país, por meio de instrumentos virtuais, através de 5 perspectivas: história, sociedade, arquitetura, patrimônio e urbanismo.
- Identificar os principais nomes da história de Brasília.

Professores e alunos do Ensino Fundamental formam o público alvo dessa ação, que deve ser vista de forma exemplar para o uso das estratégias indicadas em conteúdos e classes diversas.

2.2 FERRAMENTAS E ESTRATÉGIAS

Para alcançar os objetivos traçados no projeto, três estratégias foram pensadas e apresentadas a seguir. Elas deverão guiar professores e alunos para, ao final da execução, serem vistas de maneira única e integrada. As ferramentas escolhidas foram pensadas juntamente às estratégias, assim como a ordem sugerida de sua execução. As três estratégias são: História nas Redes Sociais, Museu Virtual e Aulas Expositivas.

2.2.1 Estratégia A: “História nas Redes Sociais”

Consiste na criação, em redes sociais, de perfis falsos de nomes importantes da história da Capital. Utilizando o Facebook e o Twitter, os alunos deverão se relacionar com as personalidades. O professor deverá alimentar os perfis com conteúdo histórico, como se a própria personalidade estivesse comentando suas ações, conquistas, ambições e ideologias, no tempo histórico escolhido. Por exemplo, Juscelino Kubitschek, meses antes de 21 de abril de 1960, comenta sobre o fim das obras e os preparativos para a mudança da capital do Rio de Janeiro para o centro-oeste brasileiro.

Circulou em setembro de 2011, uma imagem que apresentava fatos da Independência do Brasil em um fictício período com a existência do Facebook. O exemplo citado é apresentado na imagem abaixo, expandida no anexo A, e serve como inspiração.

Figura 3: Recorte da imagem “A independência do Brasil em tempos de Facebook”.



Fonte: Youpix⁴.

⁴ Disponível em <youpix.com.br/fun/independencia-do-brasil-no-facebook/>. Acesso em 10 ago. 2012

A proposta, entretanto, difere-se no tocante à abordagem utilizada pelo sítio Youpix ao divulgar o *case* da Independência. Sugere-se, em um ambiente educativo, usar um tom intermediário que não se torne tão coloquial quanto o exemplo que, em determinado momento, chega a utilizar *memes*⁵ da internet, como “FICA, VAI TER BOLO!”. A frase é assinada pelo perfil falso de José Bonifácio.

Professor e alunos desempenham atividades específicas em cada estratégia do projeto. Neste primeiro momento, suas atividades são apresentadas no Quadro 1

Quadro 1: Papéis do professor e do aluno na estratégia A.

Papel do professor	Papel do aluno
<ul style="list-style-type: none"> - Criar perfis em mídias sociais dos personagens que julgar mais relevantes na história de Brasília em período a ser escolhido; - Alimentar esses perfis com conteúdo educativo e linguagem coloquial. - Criar interação entre os perfis fictícios e os perfis de seus alunos, quando necessário. 	<ul style="list-style-type: none"> - Acompanhar e interagir com os perfis criados pelo professor. - Aprofundar-se, através de pesquisa, no conteúdo suscitado pelas mensagens dos perfis fictícios do projeto.

Fonte: Elaborado pelo autor.

2.2.2 Estratégia B: “Museu Virtual”

Na apresentação em seu site, o Museu Virtual de Ciência e Tecnologia da Universidade de Brasília se apresenta com o intuito de:

(...) promover o acesso democratizado das culturas artística, científica e tecnológica, despertando assim o interesse pelo conhecimento do público em geral, e, sobretudo entre os mais jovens, além de buscar uma maior proximidade entre a UnB e a sociedade.

Dessa forma, o acervo disponibiliza conteúdos de forma diferenciada, acessível e didática. O espaço virtual pretende, ainda, ser “uma nova possibilidade de acesso à Universidade e à sua produção artística, científica e tecnológica”. Esse caráter inovador vem

⁵ Trata-se de uma espécie de gírias, que aparece frequentemente na linguagem de usuários da internet. O *meme* não costuma ter vida longa e a origem de cada um é variada.

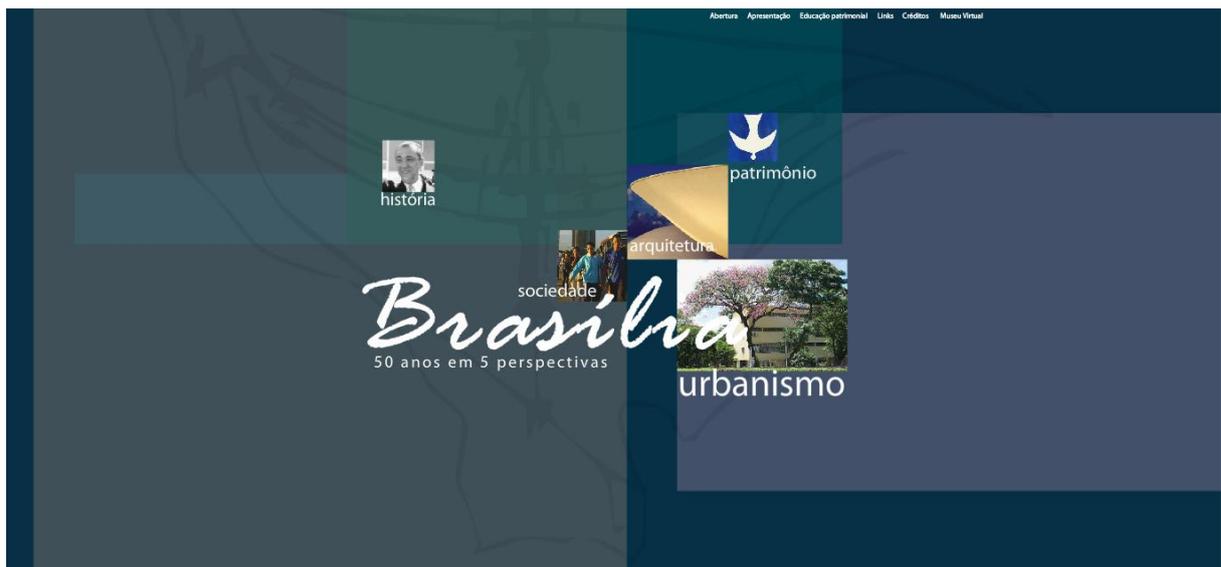
de encontro à estratégia proposta que pretende mostrar ao professor que a forma pode mudar, mantendo o conteúdo.

O projeto direcionado a professores de ensino fundamental, mas adaptável em qualquer nível de ensino, foi apresentado ainda em 2011 a professores e outros graduandos de licenciatura, em sua maioria. Os resultados obtidos e sua análise constam na apresentação do projeto, presente no anexo B.

Agora, em ocasião deste trabalho, o projeto Brasília 50 anos em 5 perspectivas foi objeto de nova pesquisa com professores. A forma como se deu o planejamento, o contato e a análise das entrevistas realizadas com professores constam no capítulo três e serve como fomento para revisão do projeto e, ainda, vislumbre do panorama atual de professores e sua relação com as TICs, em especial, as mídias sociais.

Os alunos serão apresentados ao Museu e deverão pesquisar a partir dele as áreas que lhes chamam mais atenção quando se estuda Brasília. Estão entre as opções: história, sociedade, arquitetura, patrimônio e urbanismo. Propõe-se que, em grupo, produzam um texto, um vídeo ou até imagens que sejam síntese da pesquisa realizada. Esse conteúdo produzido deverá ser compartilhado através das redes sociais. Em sala de aula, o professor irá retomar comentários e impressões dos alunos em relação aos trabalhos dos colegas, previamente acessados na rede.

Figura 4: Captura de tela do ambiente virtual.



Fonte: Museu Virtual de Ciência e Tecnologia da UnB⁶

⁶ Disponível em < <http://museuvirtual.unb.br/index.htm>>. Acesso em 10 ago. 2012

Como sugestão, caso seja possível, a sala pode ser dividida em 5 grupos a fim de contemplar cada área. As opções de produção (texto, vídeo e imagem) também podem ser designadas pelo professor a cada grupo, conforme apresentado no Quadro 2.

Quadro 2: Papéis do professor e do aluno na estratégia B.

Papel do professor	Papel do aluno
<ul style="list-style-type: none"> - Apresentar, em sala de aula, o sítio eletrônico aos alunos. - Incentivar o uso do Museu como subsídio para o trabalho em grupo. - Propor o trabalho em grupo que consiste na criação de imagem, vídeo ou fotos que sintetize pesquisa em um dos viés de estudo de Brasília: história, sociedade, arquitetura, patrimônio e urbanismo. - Definir e acompanhar a divulgação dos trabalhos produzidos através das redes sociais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer todo o conteúdo de “Brasília 50 anos em 5 perspectivas”. - Em grupo, devem ser aprofundados os 5 temas propostos. - Como síntese da pesquisa, é necessária a produção de texto, vídeo ou imagens. - O conteúdo produzido deverá ser compartilhado nas redes sociais. - Todos devem acompanhar as atualizações todos os grupos.

Fonte: Elaborado pelo autor.

2.2.3 Estratégia C: “Aulas expositivas”

Mesmo com o uso das mídias sociais e da troca de informações e conteúdo feita pelos alunos *on line*, o professor que adotar o projeto deverá retomar e trazer para a sala de aula o conteúdo difundido pela Internet. O professor terá papel fundamental na mediação e esclarecimento de possíveis dúvidas e enganos que, porventura, surgirem. Recomenda-se um encontro, uma aula, especificamente para esse bate-papo. O quadro 3 apresenta os papéis essenciais que professor e aluno devem exercer nesta etapa.

Quadro 3: Papéis do professor e do aluno na estratégia C.

Papel do professor	Papel do aluno
<ul style="list-style-type: none"> - Retomar sempre os conteúdos abordados no ambiente virtual. - Sanar quaisquer dúvidas e enganos que surjam do conteúdo divulgado <i>on line</i>. - Incentivar e verificar a participação dos alunos nas atividades não presenciais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Participar com impressões, dúvidas e conclusões a respeito do conteúdo disseminado nas redes sociais pelo professor e pelos grupos.

Fonte: Elaborado pelo autor.

2.3 PROPOSTA DE AVALIAÇÃO

O professor deverá escolher um método de avaliação que verifique a apreensão do conteúdo pelos alunos. A escolha pode variar: prova objetiva ou subjetiva, redação, dissertação, prova oral, apenas o conteúdo postado na fase 2 do projeto ou outra. Há ainda a possibilidade de se aproveitar do ambiente virtual para que se dê essa etapa de finalização. Existem diversas ferramentas que possibilitam a inclusão de questionários, ambientes para criação e compartilhamento de texto, vídeos etc.

Importante é que, neste momento, o professor consiga averiguar de forma eficaz o conhecimento adquirido por seus alunos. Propõe-se, ainda, que os alunos façam uma auto avaliação e também opinem sobre o projeto, de maneira prática. Dessa forma, o professor terá subsídios para repensar e fazer adequações pertinentes no projeto.

2.4 PROPOSTA DE DURAÇÃO

O tempo destinado para a realização do projeto depende do planejamento da escola e do próprio professor, mas para uma boa execução, estima-se que no mínimo duas semanas sejam dedicadas ao conteúdo. É importante frisar que durante esse período, as aulas podem não corresponder ao mesmo tema. Assim, ficariam apenas reservadas para o meio ou final da ação pedagógica, as aulas expositivas propostas anteriormente.

CAPÍTULO TRÊS

PERFIL DOS ENTREVISTADOS: QUEM SÃO, O QUE PENSAM, DIZEM E FAZEM

Ao pensar outras formas de interação e socialização do conhecimento com uso das TICs, refletiu-se sobre a dimensão do impacto das mídias sociais na prática docente.

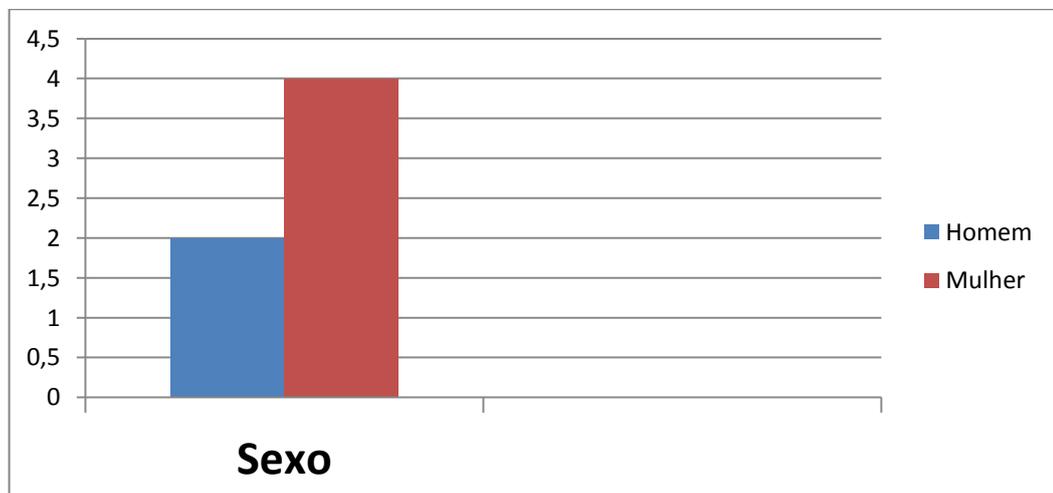
Diante desses pressupostos, uma pesquisa quantitativa foi realizada com o objetivo de identificar os usos das redes sociais, na vida pessoal e profissional dos professores, além de impressões sobre o projeto “Brasília 50 anos em 5 perspectivas”, Pretendeu-se levantar pistas para discutir aspectos da forma como o professor usa e pode usar as mídias sociais em sala de aula.

A pesquisa desenvolveu-se durante o mês de setembro, em diferentes etapas. Na primeira etapa, um mapeamento das questões a serem aplicadas foi traçado. Então, um grupo de 11 professores foi escolhido. A escolha envolve professores do ens. fundamental, médio e superior e colegas já formados do autor. Estes professores foram abordados por e-mail ou através do próprio Facebook para saber se havia o interesse de receber o e-mail com o projeto descrito no capítulo anterior e o questionário. Todos aceitaram participar. O modelo enviado consta como apêndice deste trabalho. No prazo de uma semana, seis e-mails foram recebidos em resposta aos 11 enviados.

Passou-se, logo, para a próxima etapa: análise das respostas para aprofundar determinadas questões e servir de *feedback* sobre a efetiva prática do projeto. A seguir, a análise do perfil dos respondentes.

3.1 SEXO

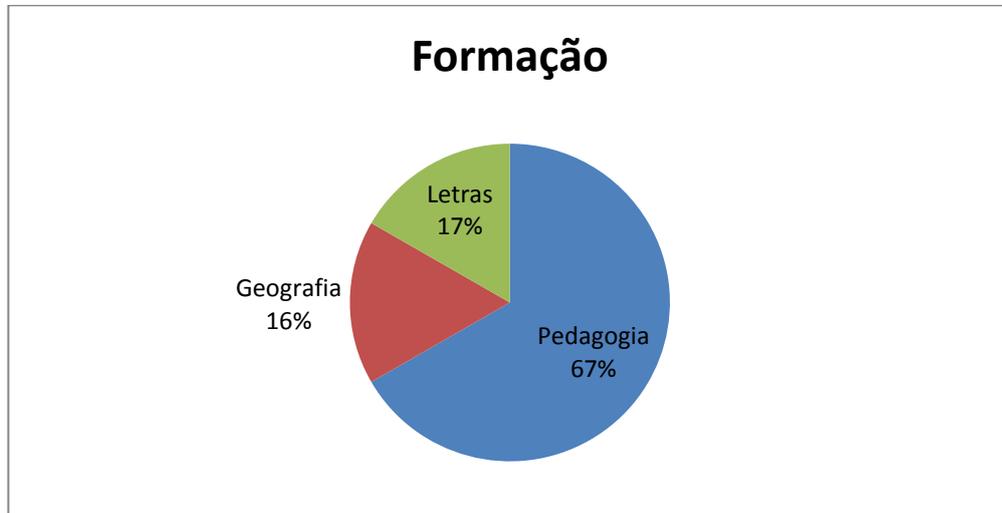
Gráfico 1: Sexo dos entrevistados.



Fonte: Elaborado pelo autor.

3.2 FORMAÇÃO

Gráfico 2: Formação dos entrevistados.

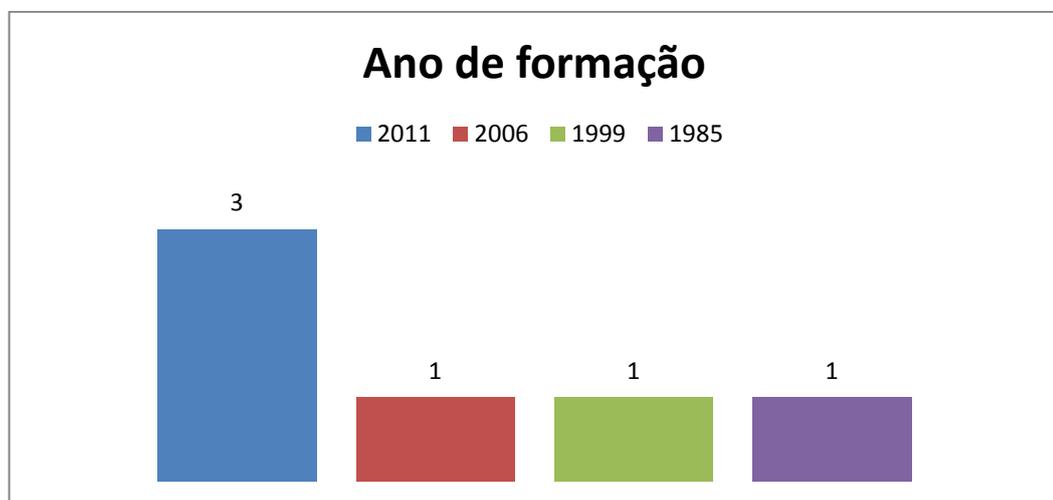


Fonte: Elaborado pelo autor.

Interessante notar que o fato da maioria ser composta por pedagogos não indicou conformidade em relação às opiniões. Entre eles, houve quem não se mostrou favorável e outros que sim, a favor do uso do computador, da internet e das mídias sociais como ferramenta educativa. Do mesmo modo, dos que já experimentaram uma nova abordagem educativa há docentes com outra graduação, como atesta o Gráfico 2.

3.2.1 Ano de formação

Gráfico 3: Ano de formação dos entrevistados.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Este dado é importante para entender em que contexto se formou o profissional e em qual momento isto influencia nas suas escolhas metodológicas, principalmente, ao se pensar em uma proposta nova que inclua mídias sociais. Metade dos entrevistados é composta por recém-formados. Os outros três se graduaram em momentos bastante distintos.

Em 2006, o Orkut estava no auge. Neste período, os cursos de graduação já tinham em sua prática de aula e/ou pesquisa a internet. Os professores já foram formados pesquisando conteúdo no Google, enquanto grande número de pessoas criavam ou mantinham perfil na mais expressiva mídia social até o momento. O Brasil, em determinado momento, teve mais de 20 milhões de usuários no Orkut, 51% do total (LIMA, 2011, p. 34).

Já em 1999, o computador ainda engatinhava e começava a marcar presença em poucos lares brasileiros. Algumas escolas tinham o equipamento, mas seu uso era limitado muitas vezes ao uso administrativo. Os professores formados neste momento, em sua maioria, também não foram formados com uso dos computadores.

No ano de 1985, a realidade escolar brasileira não podia sequer prever a criação da tecnologia que temos hoje. Computadores neste momento eram exclusivos de uma minoria de pesquisadores.

Inferir, contudo, que a idade e o ano de formação dos professores influenciam diretamente nas motivações desses professores para com o uso das TICs e, em especial, das mídias sociais mostrou-se um equívoco. Relatos diversos indicaram que, enquanto professores formados há mais tempo se mostram interessados e confiantes nas estratégias apresentadas, um recém-saído da universidade apresenta discurso conservador e relutante.

3.3 BREVE HISTÓRICO DE SUA CARREIRA COMO EDUCADOR

Dos seis respondentes, quatro estão em sala de aula: são duas professoras universitárias, uma de ensino médio e outra atuante no ensino fundamental. Os outros dois continuam estudantes: um enquanto aluno especial em mestrado e outro já na segunda graduação, de serviço social. Os dois não apresentam experiência na docência, desde que formados. Interessante que embora sejam os mais novos, tanto em idade quanto em formação, um diz utilizar pouco as mídias como ferramenta social; e o outro não vê potencial nas estratégias menos convencionais do projeto.

Percebe-se, entretanto, que os que já exercem a docência há mais tempo estão dispostos e atentos às novas TICs, para que o ensinar esteja de acordo com o atual momento.

3.4 CONHECIMENTO E USO SOBRE AS MÍDIAS SOCIAIS

Todos disseram ter conhecimento do que são as redes sociais e que fazem parte dessas mídias. Foram citadas, espontaneamente, Facebook, Orkut, Twitter e LinkedIn, em ordem de frequência.

Vê-se, então, que independente das características diversas que eles podem ter (sexo, formação, ano de formação etc.), estão atentos e fazem parte de uma realidade: a sociedade constitui redes sociais em mídias sociais diversas. O projeto apresentado propõe a utilização de duas: o Facebook e o Twitter, além do *site* Museu Virtual.

A necessidade de ter domínio das ferramentas utilizadas em sala de aula é essencial para o professor. O mesmo acontece entre aqueles que escolherem as mídias sociais como uma oportunidade nova de abordagem educativa. É preciso ter conhecimento sobre elas. São muitas as tentativas e experiências de professores que ousam e acabam por executar de maneira equivocada boas ideias. O número de blogs criados em salas de aula por professores, sozinhos ou com alunos, é grande. A ideia de inovar e apresentar o conteúdo das salas de aula também na internet deve ser bem pensada, deve ter continuidade e deve ter valor para os envolvidos.

3.5 VISÃO SOBRE A FINALIDADE DAS MÍDIAS SOCIAIS

Dos seis entrevistados, apenas um disse utilizar as mídias sociais unicamente para se atualizar sobre as informações de seus interesses (notícias e artistas, por exemplo). Os demais foram unânimes ao dizer que utilizam Facebook, Orkut, Twitter ou Instagram como meios de socialização. Eles conversam com amigos e parentes. Uma das entrevistadas afirmou que utiliza as mídias sociais em destaque para

estar mais próxima da realidade dos meus alunos, que, devido à idade (são adolescentes), estão em contato constante com essas ferramentas. Uma das melhores formas de se aproximar dos alunos, a fim de compreender o mundo que os atrai, é fazendo parte dessa realidade virtual. Muitas vezes, de forma que eles até mesmo não percebem, consigo dar continuidade à matéria explanada em sala por meios virtuais, induzindo-os a sentirem maior curiosidade pela matéria apresentada por meio de discussões e debates iniciados nessas redes, ou por meio de imagens que

lhes chame a atenção, de algum vídeo, música, frases ou de qualquer meio que possibilite uma extensão saudável e prazerosa do conteúdo, de modo que assim seja possível ao aluno perceber que o que se vê na escola pode ser interessante e pode ser transportado para fora do ambiente da sala de aula.

A utilidade profissional das mídias sociais foi pouco citada. Ainda assim, houve respostas em que a relação de trabalho foi abordada. Os momentos pontuam que: a) não deve ultrapassar o ambiente profissional; b) a interação entre colegas deveria ser maior; e c) há sim a troca de informações entre profissionais e entre professores e alunos.

Socializar é o grande mote das mídias sociais. Através delas, as redes sociais são formadas e o compartilhamento de informações, fotos e vídeos é expressão de opinião. Expressão esta que se faz ao seguir uma personalidade ou apenas curtir uma frase publicada.

Neste sentido, Lima (2011 p. 33) concorda que:

na internet, as redes sociais são espaços públicos muito populares entre os jovens brasileiros. A maioria utiliza as redes sociais para manter contato com amigos já existentes. É comum os jovens irem construindo sua identidade social neste tipo de ambiente virtual.

O aumento da criticidade do aluno em sala de aula é reflexo de uma sociedade que não fica mais passiva ao receber uma informação, seja qual for o meio. Ao aproximar-se do aluno em um ambiente que ele é nativo, o professor deve esperar e, principalmente, incentivar – assim, como deve ser em sala de aula – o seu posicionamento crítico. Este ponto, inclusive, foi abordado em uma das entrevistas.

3.6 INTENÇÃO DE USO PROFISSIONAL EDUCATIVO DAS MÍDIAS SOCIAIS

Foi perguntado aos entrevistados: “Tem ou teve a intenção de utilizar as redes sociais como estratégia de ensino? Comente a respeito”. O quadro abaixo agrupa as respostas dos entrevistados e sua análise.

Quadro 4: A intenção dos entrevistados em relação ao uso das redes sociais como estratégia de ensino.

Resposta	Comentários	Análise
Não	Ainda não.	Apesar de não ter tido a intenção ou experiência, se mostrou receptivo ao utilizar a palavra “ainda”.
	Não. Acredito que mesmo os alunos mais velhos, vêm nas redes sociais uma diversão e lazer. Se eu utilizasse como estratégia de ensino, acredito que descaracteriza, muitos alunos não iriam compreender.	O respondente não vê potencial no uso de redes sociais como estratégia de ensino. Além disso, afasta o conceito de diversão e lazer do conceito de educação e aprendizagem.
	Uso outras ferramentas: todo semestre monto um grupo no gmail e me comunico frequentemente com meus alunos por essa via; ministro curso à distância pelo moodle. Uso o skype para reunião com tutores e alunos que estão em processo de orientação de seus trabalhos finais. Não tenho necessidade de me comunicar com meus alunos pelo facebook, mesmo porque compreendo essa rede como lazer. Profissionalmente resolvo tudo por e-mail.	Menos radical no tom usado, também posiciona “lazer” antagonicamente ao conceito de educação.
	Por enquanto não, por conta do próprio perfil dos alunos, crianças de 4 a 5 anos.	Neste caso, a idade dos alunos é a justificativa apontada como empecilho para o uso das mídias sociais.
Sim	Tive, em vários momentos. Um dos mais bem sucedidos foi no ano passado, em época próxima à prova do PAS. Uma das obras cuja leitura era requerida era "Dom Casmurro", de Machado de Assis. Fiz uma espécie de "quiz" virtual, para o qual eu havia previamente convidado todos os meus alunos, em sala de aula, a participar. O horário foi escolhido de acordo com a disponibilidade da maioria e o evento em si não era essencial para a nota na matéria. A participação era optativa, mas curiosamente a adesão foi grande, mesmo não sendo obrigatória. No Facebook, as perguntas a respeito do livro eram lançadas, as turmas do Ensino Médio formaram grupos e disputavam a vitória entre si. Os alunos iam respondendo e eu ia contabilizando pontos de acordo com as respostas, as melhores ganhavam mais pontos e assim por diante. Ao término de um longo tempo - o "quiz" durou por mais tempo que o esperado, e porque os próprios alunos que participavam pediram que continuasse. Era uma sexta-feira à noite e muitos que ali estavam, faziam alguma outra tarefa de lazer enquanto participavam do "quiz". As redes sociais permitem esse dinamismo e é um de seus lados que mais me atrai.	Neste caso, a utilização das redes sociais já é realidade. A experiência relatada utiliza a mídia social como um instrumento de complemento e revisão do conteúdo abordado em sala de aula. Pelo relato, o resultado foi positivo.
	(...) vejo que ambientes populares como Facebook e msn, por exemplo, podem ser utilizados assim como o email, com fins educativos ou para comunicação no processo de ensino e aprendizagem.	Neste caso, não há a experiência, mas sim uma visão favorável ao uso das mídias atuais.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Neste momento, ao perguntar objetivamente sobre o uso das redes sociais para expandir e diferenciar o processo de ensino e aprendizagem, uma resposta destaca-se. Foi dito que pelo fato de alunos mais velhos utilizarem as mídias sociais como objeto de lazer, a finalidade educativa poderia descaracterizar o meio. O autor da resposta mostrou-se em todos os seus posicionamentos contrário ao projeto. Em dois momentos, sua posição coloca como antagônicos educar e divertir. A proposta do projeto é justamente aproximar a escola de um universo em que o aluno está mais aberto.

3.7 EXPERIÊNCIA DE USO DAS MÍDIAS SOCIAIS COMO ESTRATÉGIA DE AULA

À questão “Teve experiência com o uso das redes sociais e do computador em estratégia de aula? Qual foi a estratégia, os resultados, medos, expectativas e surpresas?”, três professores disseram que sim, já tiveram essa experiência. Seguem as respostas completas:

- 1) O computador está inserido no cotidiano de minhas aulas, seja pela comunicação do grupo, seja como ferramenta de pesquisa, seja como via pra projeção de slides. Nunca usei redes sociais em minhas aulas. Tenho intenção de estruturar meu curso presencial na plataforma moodle (Aprender), mas ainda não tive tempo para isso. Pretendo fazê-lo para 2013. Não tenho medo, nem receio e não vejo maiores problemas. Meus cursos à distância e presencial são iguais e não vejo maiores problemas. Minhas expectativas são as mesmas para ambos os casos: aproveitamento da disciplina Geografia para a vida do futuro profissional/professor. Não tenho medo e também não tive surpresas.
- 2) Procuo fazer uso constante dessas ferramentas, dentro e fora de sala. Seja durante a preparação da aula ou na aula em si, trazendo às vezes discussões e debates dos quais participo em páginas de fórum, ou levando os alunos a participarem ativamente de alguma, seja buscando algum uso mais criativo para o uso dessas redes, tento sempre me atualizar, na medida do possível, diante desses meios para poder fazer da aula em sala um atrativo a mais, combinado com o meio virtual no qual os alunos já estão amplamente inseridos. Os resultados das estratégias já mencionadas acima foram excelentes, a resposta foi ainda melhor do que eu imaginava, pois a repercussão foi grande. Alunos de outras escolas puderam ver o que ocorria, quando o "quiz" com meus alunos foi executado, chamando a atenção e demonstrando que uma aula poderia ser verdadeiramente interessante. Os medos não são diferentes do uso de qualquer outra ferramenta não virtual em sala. Sempre há a chance de dar algo errado, mas o educador que realmente tem domínio sobre sua matéria e sobre a sala de aula sabe estar preparado para qualquer coisa. No final das contas, se tudo der errado, um bom professor sempre pode encontrar como saída a boa e velha aula tradicional, que, por sinal, é ainda presente em meu método de lecionar. As redes sociais, o ambiente virtual nunca se tornou o foco. É apenas mais uma forma de interação, um meio que encontro de atrair e envolver os alunos no conteúdo, mas a sala de aula ainda é indispensável para que a matéria seja devidamente contemplada.
- 3) Já utilizei o msn para ministrar uma aula que não coube no calendário acadêmico e os alunos pediram para que fosse dada. A experiência foi interessante porque os alunos leram o material disponibilizado para guiar a aula e a discussão foi bastante profícua.

As três experiências relatadas são distintas, mas apresentam o uso do computador e de novas tecnologias como instrumentos de ensino e aprendizagem. Possivelmente, não por acaso as três professoras responsáveis pelas respostas acima também se mostraram a favor da proposta de projeto apresentada. Ainda que as experiências relatadas sejam diferentes, as três

utilizaram as TICs. Ao criar um jogo de perguntas e respostas ou, então, transpor uma aula para uma plataforma de mensagens instantâneas, o computador e a internet são transformados em ferramentas educativas.

Da própria Educação a distância citada, é possível tirar conceitos que devem ser considerados na execução da proposta sugerida. Entre eles, o de autoaprendizagem:

A idéia de auto-aprendizagem (...) é, no entanto, crucial para a educação a distância: muito mais do que no ensino convencional, onde a intersubjetividade pessoal entre professores e alunos e entre os estudantes promove permanentemente a motivação, na EaD o sucesso do aluno (isto é, a eficácia do sistema) depende em grande parte da motivação do estudante e de suas condições de estudo (KEEGAN, 1983, p. 29 *apud* BELLONI, 2001, p. 30)

O professor deve criar meios para que o aluno busque aprofundar-se no conhecimento sobre o assunto abordado seja em sala de aula, seja no Facebook, no Twitter ou no Museu Virtual, por exemplo. Esta deve ser entendida como uma das premissas da proposta de projeto. O capítulo quatro reserva-se à análise das impressões dos entrevistados sobre o projeto Brasília 50 anos em 5 perspectivas.

CAPÍTULO QUATRO

RELATO DAS IMPRESSÕES DOS PROFESSORES SOBRE O PROJETO

De maneira geral, a proposta foi bem avaliada por todos. Contudo, algumas falas merecem destaque.

- 1) A proposta do projeto é boa. Porém, acredito que pouquíssimos professores vão ter tempo disponível para desenvolver isso no dia-a-dia de sala de aula. Principalmente conteúdo de história, que às vezes é um conteúdo por aula, bem corrido.
Nota 10 para o Museu Virtual! Aqui sim, existe uma proposta que o professor vai gostar de desenvolver com seus alunos, pois trata-se de pesquisa. É isso que o professor de hoje quer: que seus alunos pesquisem. Achei a ideia do museu melhor que os perfis falsos do facebook, pois estes vão tomar muito tempo, sem resultados...
Aulas expositivas: A melhor parte, porém a menor. Eu acredito que nenhum professor vai trocar sua aula no quadro por qualquer coisa. Ele sabe que tem que correr com o conteúdo, até porque os pais dos alunos não vão gostar de saber que "o professor de história está levando seu filho para entrar no facebook, ao invés de ensinar sobre a Guerra Fria, conteúdo que cairá na prova da semana que vem... O filho entra no facebook em casa, na escola ele tem que estudar..."
Portanto, eu (pensando como professor de História) retiraria o facebook, mantendo apenas o museu e a aula expositiva que é o principal.
A avaliação com certeza será escrita. Isso é uma cobrança da própria escola como meio de avaliação...
- 2) Ideias muito interessantes, que vão de acordo com a forma como enxergo a educação atualmente. É preciso se modernizar, reinventar, criar novos meios de alcançar os alunos. O professor hoje concorre com muitas distrações que são mais atraentes para um aluno, em especial, o adolescente. É preciso captar sua atenção fazendo uso daquilo que mais faz parte de sua vida.

A primeira resposta rejeita o uso educativo das redes sociais e defende os traços mais tradicionais do projeto. Entre as justificativas apresentadas, uma reclamação comum entre professores: o tempo escasso. Além disto, a questão da interdisciplinaridade é ressaltada, quando se fala que o conteúdo de história é apenas um por aula. Não há desta forma, na fala em análise, uma abertura para continuidade do conteúdo. Outro ponto é o relacionamento entre o professor e os pais de alunos. A reação que eles supostamente terão ao ver seus filhos utilizando o Facebook a pedido do professor foi citada de maneira negativa e pessimista. A mesma fala demonstra conservadorismo ao tratar da avaliação. O alto peso dado à "prova escrita" é percebido na resposta.

O projeto tem o intuito de transpor o conteúdo para além dos livros, dos quadros de aula e da própria escola. A ideia é que o aluno aprenda de forma natural, orgânica e que faça sentido em sua realidade. De acordo com esse ideal, a segunda resposta reproduzida acima defende e vê com potencial as estratégias de aula apresentadas, entendendo que é sim necessário criar novas abordagens para tornar a Educação atraente, e portanto efetiva, para o aluno.

Em suma, ao questionar sobre as possíveis dificuldades para aplicação do projeto, as respostas foram variadas mais uma vez. Disponibilidade tecnológica; capacitação dos professores no uso das ferramentas propostas; resistência dos professores por receio dos alunos “se divertirem”; a cópia de conteúdo no ato de pesquisa, por parte dos alunos; o uso da coloquialidade e da informalidade; as características particulares de cada escola e região; e o próprio modelo atual de ensino aparecem nas indicações de empecilhos para a realização da proposta.

Fala-se das inúmeras possibilidades de interação, de troca, de pesquisa. Elas existem. Mas, na prática, se uma escola mantém um projeto educacional autoritário, controlador, a Internet não irá modificar o processo já instalado. A Internet será uma ferramenta a mais que reforçará o autoritarismo existente: a escola fará tudo para controlar o processo de pesquisa dos alunos, os resultados esperados, a forma impositiva de avaliação. Os alunos, eventualmente, ou alguns professores poderão estabelecer formas de comunicação menos autoritárias, mas, para isso, precisam contrariar a filosofia da escola, mudando-a por conta própria, sem o endosso institucional. (MORAN, 1997)

Reconhece-se que a mudança nem sempre é fácil e as condições quase nunca ideais, é preciso ousadia, confiança e segurança do trabalho para que qualquer aula seja bem realizada. Resta avaliar até que ponto os professores estão dispostos a rever seus métodos de ensino, apesar das dificuldades relatadas.

4.1 PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DO PROJETO APRESENTADO

Quadro 5: Pontos positivos e negativos do projeto, de acordo com os entrevistados.

Pontos positivos	Pontos negativos
Aprimorar com as ferramentas propostas um sítio já existente (Museu UnB), utilização de perfis falsos e linha do tempo do facebook para demonstrar fatos históricos, a volta a sala de aula para conclusão e debate da experiência no meio virtual.	Apenas tome cuidado para que o ensino não fique apenas em uma visão meramente positivista dos fatos históricos. Ou seja, não se contente em apenas citar fatos, datas e nomes. Lembre-se de criar perfis falsos com personagens diversos, trabalhando o mesmo fato histórico de diferentes pontos de vista, lembre-se de trabalhar questões de ordem filosófica, ou seja, tentando entender o porque dos fatos ocorridos, ligando as questões e pauta com questões maiores de ordem moral e ética.
O museu, pois aprofunda o conteúdo e na minha opinião deve ser executado PÓS a aula expositiva sobre determinado assunto.	A rede virtual em si não foi criada para ser um ambiente de ensino-aprendizagem e sim de diversão, é assim que eu vejo. Por isso, fazer o professor compreender que se pode desenvolver uma aula no facebook, por exemplo, é antes de tudo, convencer a escola, os alunos e principalmente os pais.
A adoção de uma outra linguagem, que tem o potencial de se viabilizar como significativa ao aluno no contexto de aprendizagem. Precisamos encontrar outra forma de ensinar porque essa que está aí não funciona.	Me incomoda, um pouco, o endeusamento de figuras como JK por exemplo. É certo que foram personagens importantes de nossa história, mas julgo muito romantizadas as suas aparições e incursões na história de Brasília. Não gosto do fato das pessoas ignorarem as regras cultas das línguas. Tenho percebido poucas oportunidades de desenvolvimento da linguagem escrita, de uma forma correta. Os alunos, de um modo geral, pouco leem. Agora, pouco escrevem. E escreve mal: além da agressão à gramática, pela ortografia e concordância totalmente ignoradas, também aparecem as gírias, as abreviações e as palavras em língua estrangeira, normalmente em inglês. Sempre penso que 99, 01% da população do DF (vide pesquisa de dados de amostra de domicílios da CODEPLAN) não mora em Brasília. E não gosto dessa centralidade da cidade no processo de resgate da memória, construção da identidade e cidadania para toda a população do DF.
O aspecto leve e divertido, além do uso de recursos audiovisuais, possíveis nesse projeto, são um grande atrativo.	É sempre possível, em projetos à distância, ter um menor controle sobre os alunos. Mas um bom professor sempre encontra um meio de contornar esse problema que, muitas vezes, é sanado com uma boa conversa, explicação de regras e de como todo o projeto deverá acontecer antecipadamente.
Gostei muito do tópico "História nas redes sociais".	Poderiam ter exemplos mais específicos para o momento da "avaliação".
Adequar-se às novas formas de comunicação é o ponto mais importante do projeto, além do que a interatividade, a possibilidade de rápida atualização dos dados e do projeto gráfico, tornam o estudo mais interessante para alunos e professores.	O ponto para o qual sugeriria mudança, seria a linguagem utilizada na ilustração do fato histórico, mas isso já foi dito.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nota-se que há, por parte da maioria, uma boa impressão a respeito do projeto elaborado. As possibilidades que o uso de uma mídia não convencional traz é ressaltada em alguns dos pontos positivos acima. O intuito da proposta é exatamente este. O Museu também foi citado como ponto a favor.

Entre os pontos negativos, algumas respostas seguiram para o caminho específico do conteúdo citado na proposta: a história de Brasília. Sugeriu-se, então, uma atenção maior a abordagem do conteúdo, que seja crítico e considere a realidade dos alunos.

O tópico de avaliação também mereceu relevo. O projeto, infere-se de uma resposta, aprofundou-se pouco no método. Deseja-se assim, um direcionamento mais prático a este respeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto “Brasília 50 anos em 5 perspectivas”, desde sua concepção, teve como principal mote o uso do computador no processo de ensino e aprendizagem. A partir daí, pensada quais poderiam ser as ferramentas e estratégias utilizadas, as mídias sociais e as redes que nelas se constituem foi a principal escolha e fio condutor do projeto. Provavelmente, por conta da experiência pessoal e do panorama geral que se vê na sociedade brasileira.

O Brasil é o 4º país do mundo com mais acesso às redes sociais, 97% dos usuários brasileiros de internet estão nestas redes. Em 2011, o país aumentou em 300% sua participação no Facebook. No Twitter, os brasileiros ocupam o segundo lugar em número de participantes, por exemplo. Os dados são de 2011, coletados por Com Score, Nick Burcher e SemioCast e apresentados por Avantare.

A elaboração do projeto, pensado principalmente para aproximar alunos, professores e conteúdo, foi feita durante a disciplina Computadores na Educação, no segundo semestre de 2011, e repensado neste trabalho. A partir do Museu Virtual da UnB, que contém a exposição virtual “Brasília 50 anos em 5 perspectivas”, o conteúdo histórico sobre a construção da capital é utilizado para tornar a proposta do projeto palpável, entretanto, toda sua estrutura aceita outros conteúdos. Assim, não se deve encontrar na escolha de Brasília qualquer limitador para a aplicação das estratégias, exceto aquela que utiliza única e exclusivamente o conteúdo – ainda limitado – do Museu.

O uso das mídias sociais, que consiste basicamente na criação de personagens pelos professores, que integrem as redes sociais de seus alunos é, possivelmente a que pode amedrontar profissionais. De certa forma, a sua pouca aceitação serve para uma análise positiva. O simples uso de uma mídia não indica que será bem sucedida. É preciso que haja conhecimento para boa execução e consequente resultado na plataforma escolhida. “O estar no virtual não é garantia de qualidade (esse é um problema que dificulta a escolha), mas amplia imensamente as condições de aprender, de acesso, de intercâmbio, de atualização”, como disse Moran (2009).

O uso das mídias como Blog, MSN, Twitter, Facebook são espaços interessante de troca de informações, discussões e compartilhamento de ideias. E certamente essa ideia pode ser adaptada para a sala de aula, com a intenção de atrair a atenção do aluno através de um ambiente familiarizado. A função dessas mídias é a exposição rápida e fácil de ideias com a possibilidade de trocas com os leitores através de comentários ou compartilhando a edição de artigos. É necessário que o professor conheça a ferramenta para conduzir o trabalho adequadamente. É muito fácil perder o foco e, para que isso não aconteça, é necessário que o docente se coloque no lugar de aprendiz. Somente conhecendo as ferramentas e usando-as em seu planejamento diário ele será capaz de conduzir o processo pedagógico, integrando as mídias

sociais, sem perder o foco da aprendizagem. (RODRIGUES, Irmã Josenira de S., 2011)

A segunda etapa da proposta de projeto incentiva a pesquisa e produção de conteúdo, a partir do Museu Virtual, e das perspectivas diversas sobre o estudo de Brasília. Ainda que colocadas como estratégias diferenciadas, elas se complementam e o projeto deve ser encarado como um todo. O conteúdo produzido, embasado na pesquisa dos alunos, será divulgado através das redes sociais, retomando a estratégia anterior.

Sobre pesquisa e o papel do professor, José Manuel Moran (2009) pontua:

O foco da aprendizagem é a busca da informação significativa, da pesquisa, o desenvolvimento de projetos e não predominantemente a transmissão de conteúdos específicos. As aulas se estruturam em projetos e em conteúdos. A Internet está se tornando uma mídia fundamental para a pesquisa. O acesso instantâneo a portais de busca, a disponibilização de artigos ordenados por palavras-chave facilitaram em muito o acesso às informações necessárias. Nunca como até agora professores, alunos e todos os cidadãos possuíram a riqueza, variedade e acessibilidade de milhões de páginas WEB de qualquer lugar, a qualquer momento e, em geral, de forma gratuita.

O educador continua sendo importante, não como informador nem como papagaio repetidor de informações prontas, mas como mediador e organizador de processos. O professor é um pesquisador – junto com os alunos – e articulador de aprendizagens ativas, um conselheiro de pessoas diferentes, um avaliador dos resultados. O papel dele é mais nobre, menos repetitivo e mais criativo do que na escola convencional.

Os professores podem ajudar os alunos incentivando-os a saber perguntar, a enfatizar questões importantes, a ter critérios na escolha de sites, de avaliação de páginas, a comparar textos com visões diferentes. Os professores podem focar mais a pesquisa do que dar respostas prontas. Podem propor temas interessantes e caminhar dos níveis mais simples de investigação para os mais complexos; das páginas mais coloridas e estimulantes para as mais abstratas; dos vídeos e narrativas impactantes para os contextos mais abrangentes e assim ajudar a desenvolver um pensamento arborescente, com rupturas sucessivas e uma reorganização semântica contínua.

O professor não será substituído. Não se acredita que a maior independência dos estudos torne o papel do docente menor, pelo contrário. É o momento em que o professor assume papel de maior importância: de mediador. Ao trazer de volta os alunos para as suas aulas expositivas, o professor não deve retomar todo o conteúdo como se as etapas anteriores fossem descartadas. Muitas vezes, ao pensar novas formas de ensino e aprendizagem, o profissional ousa, mas não integra suas inovações à sala de aula.

As entrevistas realizadas trouxeram ricas contribuições para repensar todo o projeto e reforçar a importância de se fazer tentativas para que a escola veja as TICs como aliadas indispensáveis no trato com o aluno, no processo de ensino e aprendizagem cada vez mais necessitado de planejamento.

Alguns entrevistados enxergaram também nas redes sociais a oportunidade de aproximação de professores e alunos em um ambiente para além das salas de aula. Em contraponto, houve quem não acredita na utilização de uma plataforma utilizada para lazer, diversão e comunicação pessoal como meio de educar. É preocupante saber que há professores que veem a Educação distante de uma realidade de diversão e lazer. Não é possível aprender e ensinar nestes momentos? A Educação, então, deve ser enfadonha? Quais os sentimentos que trazem e afastam a atenção do aluno? Esses questionamentos permeiam a reflexão sobre uma realidade de profissionais docentes.

Percebeu-se também que as opiniões não estão diretamente ligadas à formação ou ao ano em que cada profissional graduou-se. Talvez, esteja na concepção ideológica na formação destes profissionais, ou ainda, na aceitação ou não destas. Sabe-se que ainda que é minoria os profissionais e as escolhas que fazem ou querem fazer inovações no ensinar. A proposta de projeto apresentada não pretende criar nenhuma lógica, mas demonstrar que é possível apropriar-se dos meios que existem hoje para educar.

O Museu Virtual da UnB, quando citado, trouxe para o debate a questão da pesquisa. Contudo, a pesquisa do aluno não é limitada a um determinado momento. A partir do momento que o professor apresenta um conteúdo e desperta o interesse dos alunos, eles mesmos procurarão aprofundar o conhecimento. Na estratégia do Museu, foi pensado também o trabalho em grupo. Os alunos sairiam do virtual para ir atrás de conteúdo e criar em mídias diversas a apresentação do estudo.

As aulas expositivas foram pouco debatidas pelos entrevistados. Em uma das respostas foi eleita como a melhor estratégia. Contudo, em um contexto rígido, que se afasta da proposta de inovação. As aulas expositivas foram descritas e concebidas nesta proposta como oportunidade pontual de retomar não apenas o conteúdo, mas o trabalho feito anteriormente.

A avaliação, ao contrário do que disse um entrevistado, não deve ser necessariamente escrita. Ela deve verificar a aprendizagem e também servir como auto avaliação, tanto para os alunos quanto para professores. O modelo a ser adotado não foi definido e esta abertura foi deixada para que cada professor, ao compreender o projeto e sua turma, saiba qual o momento ou momentos certos para desenvolver uma atividade avaliativa. Em uma nova apresentação do projeto, o item precisa figurar melhor definido.

Serve também para futuras pesquisas, a questão da entrevista. O modelo adotado, com perguntas abertas foi escolhido esperando receber das pessoas um relato mais próximo da informalidade e de uma conversa. O que se viu, em perguntas mais pontuais, foi uma resposta

descritiva e longe do diálogo. Neste ponto, talvez, o e-mail não tenha sido a escolha mais feliz.

A proposta de projeto apresentada configurou-se como uma iniciativa, em geral, bem vista pelos professores que tiveram acesso ao seu conteúdo. Espera-se que o trabalho sirva como incentivo, seja em sua aplicação como sugerida ou a partir dela. O que se espera é que professores e profissionais da Educação repensem suas práticas. Em todos os níveis, o repensar a Educação deve entender as mudanças que aconteceram nos últimos anos. A ascensão das mídias sociais e o uso da internet como principal meio de informação é reflexo e fato gerador dessa sociedade, não mais passiva.

Planejar, tentar e ousar são verbos que sempre fizeram parte da prática dos bons professores. Neste momento, conjugá-los e praticá-los torna-se guia para toda uma geração de novos e velhos professores. A todos eles, continuar estudando a profissão é essencial. A resposta para superar obstáculos, quebrar paradigmas e ser corrente de uma filosofia nova está na formação continuada. Rapidamente, sobre isto: não é apenas o educador que deve sempre estar em aprendizagem contínua, como todo e qualquer profissional que deseja exercer sempre um bom trabalho.

A necessidade de continuar a aprender mesmo depois de formado tem sido atualmente a tônica do mercado produtivo. As pessoas que estão hoje em qualquer tipo de serviço sabem que devem estar se aprimorando constantemente como forma de se manterem atualizadas e de vencerem novos desafios (VALENTE, 2003, p. 2).

A partir do momento em que a Educação esteja contextualizada sem medo, preconceito e contando com a infraestrutura necessária, os alunos estarão mais conectados a seus professores. Esta conexão será essencial e indispensável para a transmissão de conteúdo. A escola não será mais isolada e pouco atraente, quando comparada ao ambiente externo. O ideal é que, o mais breve possível, a realidade atual seja um passado que sirva de aprendizado, ao contrastar com o uso orgânico de todas as tecnologias de informação e comunicação a favor também do ensino.

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Durante muito tempo, respondi que não pretendia trabalhar com Pedagogia. Contudo, hoje vejo que essa é uma resposta errada, independente da profissão que eu siga e dos cargos que ocupe. Aprendi muito com o tempo que passei desde 2008 na Faculdade de Educação. Muito em aula, muito com a aula e muito mais a partir da aula. A partir da reflexão. Exercer o ato pedagógico será natural e diário. Será com meus afilhados, com os filhos que um dia terei, com os amigos, com a família, com os políticos que irei eleger ou não, com os profissionais que encontrarei etc.

Educação será sempre reflexão na minha vida. Aonde estiver, será pauta para as minhas discussões e peso nas minhas decisões. Profissionalmente, o caminho que escolhi afasta-se da alfabetização e é sobre ele que escrevo abaixo.

Formado também em Administração, optei por uma terceira via: a Comunicação. Agências de publicidade, ou mais específicas, agências digitais, são o meu foco. Atualmente, trabalho em duas delas. Galgar cargos até atingir um de direção e planejamento é a principal meta. Em paralelo, há também o sonho de transmitir conhecimento nesta área específica. Palestras, cursos e até a docência acadêmica são planos em longo prazo. Para tal, alguns caminhos acadêmicos ainda serão trilhados.

Uma pós-graduação é certa. O tema, claro: mídias sociais. Analiso se devo cursar uma especialização ou já embarcar em um mestrado. Estes são planos para o segundo semestre do ano que vem.

Agora, em um primeiro momento, recém formado e orgulhoso dos dois diplomas conquistados, pretendo descansar fazendo o que mais gosto: não ficando parado. Além de cursos de idioma e específicos da área publicitária, uma viagem ao exterior é planejada para os próximos meses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATISTA, Erika. **Iniciação científica em ciências humanas**. Curitiba: Ibpex, 2010.
- BELLONI, Maria Luiza. **Educação a Distância**. 5ª edição, Campinas, SP. Autores Associados, 2009 (coleção educação contemporânea) p.53-77
- CHAVES, Eduardo O. C. **Computadores na Educação**. Maio 2004. Disponível em: <<http://www.chaves.com.br/TEXTSELF/EDTECH/funteve.htm>>. Acesso em: 30 setembro 2011
- DIEHL, Astor Antônio; TATIM, Denise Carvalho. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: Métodos e Técnicas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.
- DUARTE, Bárbara R. Gonçalves Vaz. Educação e Trabalho – Programa “Escolas de Fábricas”. **Unirevista**, Pelotas, RS, vol. 1, nº 2, 2006.
- FORMENTIN, Cláudia Nandi; LEMOS, Maite. **Mídias Sociais e Educação**. Anais do III Simpósio sobre Formação de Professores – SIMFOP Universidade do Sul de Santa Catarina, Campus de Tubarão, Tubarão, de 28 a 31 de março de 2011. Disponível em <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/simfop/artigos_III%20sfp/Claudia%20Formentin_Maite%20Lemos.pdf> Acesso em 10 setembro de 2012
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, SP: Atlas, 1999.
- KOTLER, Philip. **Administração de marketing: a edição do novo milênio**. Tradução: Bazán Tecnologia e Linguística. São Paulo: Prentice Hall, 2000.
- LIMA, Ana Maria de Albuquerque. **Cyberbullying e outros riscos da internet: despertando a atenção de pais e professores**. Rio de Janeiro: Walk Editora, 2011.
- LUPATINI, Alan Souza. **Branding em 140 caracteres: O uso do Twitter na gestão de marcas de hotéis brasileiros**. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/44564269/Branding-em-140-caracteres-o-uso-do-Twitter-na-gestao-de-marcas-de-hoteis-brasileiros>> Acesso em 07 abril 2010.
- MERCADO, Luis Paulo Leopoldo. **Novas tecnologias na educação: Reflexões sobre a prática**. EDUFAL 2002. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=bi7OpaxCJT8C&oi=fnd&pg=PA7&dq=tecnologias+na+educa%C3%A7%C3%A3o&ots=uzkZgembl5&sig=vW_BKZzaGqevh7vky n4zzQwJQlc#v=onepage&q=tecnologias%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o&f=false> Acesso em 03 maio 2012.
- MIDIATIX. **As redes sociais no Brasil em números**. Disponível em <<http://www.midiatix.com.br/as-redes-sociais-no-brasil-em-numeros/>>. Acesso em 03 agosto 2012.

MORAN, José Manuel. **Como utilizar a Internet na educação.** Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19651997000200006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em 26 setembro 2012.

_____. **Como utilizar as tecnologias na escola.** Disponível em <<http://www.eca.usp.br/moran/utilizar.htm>>. Acesso em 18 setembro 2012.

NOGUEIRA, Ísis Souza dos S. **Redes Sociais na Internet.** Disponível em <<http://www.redessociais.net/>> Acesso em 06 abril 2011.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____. **Redes sociais na Internet: Considerações iniciais.** Disponível em <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/intercom2004final.pdf>> Acesso em 06 abril 2011.

RODRIGUES, Irmã Josenira de S. **As redes sociais no processo educacional.** Disponível em <http://www.ije.org.br/documentos/As_redes_sociais_no_processo_educacional.pdf> Acesso em 28 setembro 2012.

RUFINO, Airtiane F. **Twitter: A Transformação na Comunicação e no Acesso às Informações.** Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2009/resumos/R15-0542-1.pdf>> Acesso em 02 março 2011.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática.** 3ª edição. Porto Alegre. ArtMed. 2000

SAMARA, Beatriz Santos; BARROS, José Carlos de. **Pesquisa de marketing – conceitos e metodologia.** São Paulo: Prentice Hall, 2002.

SETTON, Maria da Graça J. **Mídia e Educação.** Editora Contexto. 2010

TOMAÉL, Maria I.; ALCARÁ, Adriana R.; DI CHIARA, Ivone. **Das redes sociais à inovação.** Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v34n2/28559.pdf>> Acesso em 02 fev. 2011.

VALENTE, José Armando. Aprendizagem continuada ao longo da vida: o exemplo da terceira idade. KACHAR, Vitória (org.). **Longevidade: um novo desafio para a educação.** São Paulo: Cortez Editora, 2001, p.27-44.

VEIGA, Marise Schmidt. **Computador e Educação? Uma ótima combinação.** Petrópolis, 2001. Pedagogia em Foco. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/inedu01.htm>>. Acesso em 30 setembro 2011.

APÊNDICE

APÊNDICE I – E-MAIL ENVIADO AOS PROFESSORES

Olá,

Estou no último semestre de Pedagogia, assim como de Administração. Atualmente, trabalho em duas agências de publicidade, no gerenciamento de campanhas para redes sociais.

O tema do meu trabalho de conclusão de curso (Pedagogia-UnB) é: "**As novas tecnologias de comunicação e informação**: o uso das redes sociais como ferramenta no processo de ensino e aprendizagem".

Estou encaminhando esse e-mail a um grupo seletivo e diversificado de professores. Espero que você possa dispensar meia hora do seu tempo, me respondendo e auxiliando neste trabalho.

É o seguinte. Foi elaborado um projeto que pretende trabalhar a história de Brasília, através do uso das internet e, claro, aulas expositivas. Em anexo, consta o segundo capítulo do TCC que explica como é esse projeto. **Antes de lê-lo, por favor, confira o passo a passo mais abaixo.** A ideia é ter uma opinião do profissional de Educação em relação ao uso das redes sociais e outros meios virtuais para conteúdos curriculares. O tema proposto, Brasília, não é limitante. O projeto pode ser adaptado para outra disciplina e conteúdo.

Então, vamos lá...

Antes de ler o projeto, por favor, informe:

1) Nome; formação e ano de conclusão; breve histórico de sua carreira como educador.

Faça comentários sobre:

2) Redes sociais: você as conhece, sim ou não?

3) Caso conheça, você as utiliza? Quais redes são utilizadas? Em qual situação, com que finalidade? Interage com seus alunos e colegas de trabalho? Como utiliza profissionalmente?

4) Tem ou teve a intenção de utilizar as redes sociais como estratégia de ensino? Comente a respeito.

5) Teve experiência com o uso das redes sociais e do computador em estratégia de aula? Qual foi a estratégia, os resultados, medos, expectativas e surpresas?

Agora, peço que leia o projeto. Em seguida, disserte sobre:

6) Quais foram suas impressões sobre a proposta do projeto?

7) Que dificuldades vê para uma possível execução?

8) Aponte pontos positivos.

9) Indique os pontos negativos.

10) Por fim, escreva dúvidas e sugestões.

Caso queira entrar em contato comigo, não hesite. Como falei, selecionei poucas pessoas que, acredito, irão me ajudar nessa etapa.

O prazo para que me respondam é o mais rápido que puderem! :)

Muito obrigado,

Lucas.

ANEXOS

ANEXO A – A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL DE ACORDO COM O FACEBOOK

A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL DE ACORDO COM O facebook

por **youpix**

23 de novembro de 1807



Napoleão Bonaparte ► Dom João VI

Ae seu arregão, agora tá tudo fechado aqui na Europa. #todoschora

Exibir todos os 11 comentários



Dom João VI vixi, não tá fácio!

há 2 minutos · Curtir

Escreva um comentário...

Napoleão Bonaparte te convidou para:



31 Bloqueio continental + invasão de Portugal

Curtir · Comentar

Exibir todos os 13 comentários



Dom João VI

VIXII CORRÃO PARA AS MONTANHAS... OU PARA O BRASIL!!!111! VEM, GENTE!

há 36 minutos · Curtir · 🗨️ 1 pessoa

Escreva um comentário...

07 de março de 1808



Dom João VI has just checked-in @Brasil Colônia.



Brasil Colônia

Curtir · Comentar 📍 há muito tempo atrás via Foursquare

👍 12 pessoas curtiram isso.



Dom João VI postou uma foto



Mobile Uploads

E havia boatos de que eu estava na pior...
Se isso é estar na pior, pohann...

Curtir · Comentar

👍 Luisa Marilac curtiu isso

24 de agosto de 1820



Portuga Revolts ► Dom João VI

Ora pois, agora que estão a passear no Brasil, esqueceram de nós acá! Puta falta de sacanagem!

Curtir · Comentar



Dom João VI



há muito tempo · Curtir

Escreva um comentário...



Portuga Revolts te convidou para:



31 MARCHA DA REVOLUÇÃO LIBERAL DO PORTO

Chega de ficar abandonados pela Família Real!
#VoltaDJoão

Bruno Aleixo curtiu isso



Corte Portuguesa Oficial ► Dom João VI

Dom João, tens que voltar pra Portugal, ora pois! O povo está a revoltar-se lá no Porto. Help @aplusk!

Curtir · Comentar



Dom João VI

Vixil Segurai que eu tô voltando! Vou deixar o Pedrinho aqui pra tomar conta.

há uma pá de tempo · Curtir

Escreva um comentário...



Pedro de Alcântara Francisco António João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon just joined Facebook

Curtir · Comentar



Lohane Vekanandre Stephany Smith Bueno de Ha Ha Ha de Raio Laser bala de Icekiss curtiu isso

22 de abril de 1821



Dom João VI enviou uma solicitação de PACTO COLONIAL para Brasil Colônia

Curtir · Comentar



uma porrada de brasileiros descurtiu isso pra caramba



Pedro de Alcântara Francisco António João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon compartilhou um link:



Revoltas regionais criam clima de guerra em todo o Brasil

O Pacto Colonial teve como consequência a Inconfidência Mineira, Guerra dos Emboabas, Revolta de Vila Rica, Revolta de Beckman, Guerra dos Mascates e Conjuração Baiana.

Curtir · Comentar



Tiradentes, Manuel Viana e Tiririca e mais 837 pessoas curtiram isso

09 de janeiro de 1822



Pedro de Alcântara Francisco António João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon

Fala Galera, acabei de receber um email de papai pedindo preu ir pra Portugal.... Mas daí eu vou perder o lugar! kkkk ~apagar~

Curtir · Comentar

02 pessoas curtiram isso

Exibir todos os 11 comentários



José Bonifácio FICA, VAI TER BOLO!

há séculos · Curtir · 2 pessoas



Pedro de Alcântara Francisco António João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon

Se é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, estou pronto. Digam ao povo que fico!

há séculos · Curtir · 55 mil pessoas

Escreva um comentário...

07 de setembro de 1822



Dom João VI ► **Pedro de Alcântara Francisco António João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon**

Pedrinho, isso é uma ordem! Volte já pra Portugal!

Curtir · Comentar



Pedro de Alcântara Francisco António João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon
VÃO SE FODEREM!11!!!

há séculos · Curtir · 23 mil pessoas

Escreva um comentário...



Pedro de Alcântara Francisco António João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon

INDEPENDÊNCIA OU MORTE! – em Margens do Ipiranga



Fotos do mural

Curtir · Comentar

José Bonifácio, Garoto Mamiló e 199 mil pessoas curtiram isso

12 de outubro de 1822



Pedro de Alcântara Francisco António João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon mudou seu nome para **Dom Pedro I**.

Curtir · Comentar



Lohane Vekanandre Stephany Smith Bueno de Ha Ha Ha de Raio Laser bala de Icekiss descurtiu isso



Dom Pedro I convidou você para um evento:



MINHA COROAÇÃO, BITCHES

Hora: sábado 01 de dezembro de 1822

Local: Dark Room do Paço Imperial

Curtir · Comentar



25674 pessoas curtiram isso



Exibir todos os 11 comentários



Xuxa Verde

VEM, GENTE! VEM, GENTE!

há tempos · Curtir · 2 pessoas



Cachorro Feliz DORGAS!

há anos · Curtir · 2 pessoas



Rebecca Black FUN, FUN, FUN!

Sexta passada · Curtir

Escreva um comentário...



Dom Pedro I
LIKE A BOSS!



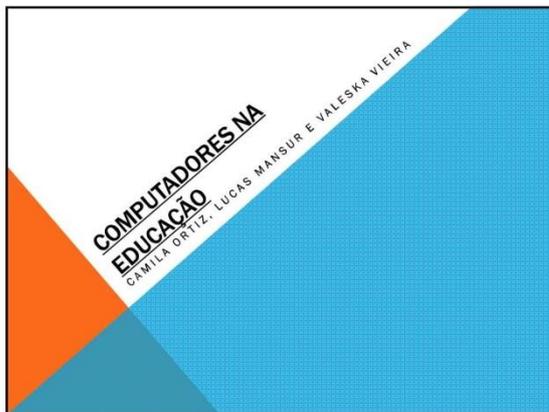
Fotos do mural

Curtir · Comentar



todos os brasileiros curtiram isso e viveram felizes para sempre como um país (mais ou menos) independente!

ANEXO B – APRESENTAÇÃO DO PROJETO NA DISCIPLINA “COMPUTADORES NA EDUCAÇÃO”



DELIMITAÇÃO DO PROJETO

Objeto de aprendizagem a ser explorado: Brasília 50 anos em 5 perspectivas.

Objetivos do projeto pedagógico: conhecer a história da capital do país, por meio de instrumentos virtuais, através de 5 perspectivas: história, sociedade, arquitetura, patrimônio e urbanismo. Identificar os principais nomes da história de Brasília.

Público-alvo: professores e alunos do Ensino Fundamental.

FERRAMENTAS E ESTRATÉGIAS

História nas Redes Sociais

consiste na criação, em redes sociais, de perfis *falsos* de nomes importantes da história da Capital. Utilizando o Facebook e o Twitter, os alunos deverão se relacionar com as personalidades. O professor deverá alimentar os perfis com conteúdo histórico, como se a própria personalidade estivesse comentando suas ações, conquistas, ambições e ideologias, no tempo histórico escolhido. Por exemplo, Juscelino Kubitschek, meses antes de 21 de abril de 1960, comenta sobre o fim das obras e os preparativos para a mudança da capital do Rio de Janeiro para o centro-oeste brasileiro.

<http://atilaf.til.com/2011/09/Independencia-do-brasil-existisse-facebook.html>

FERRAMENTAS E ESTRATÉGIAS

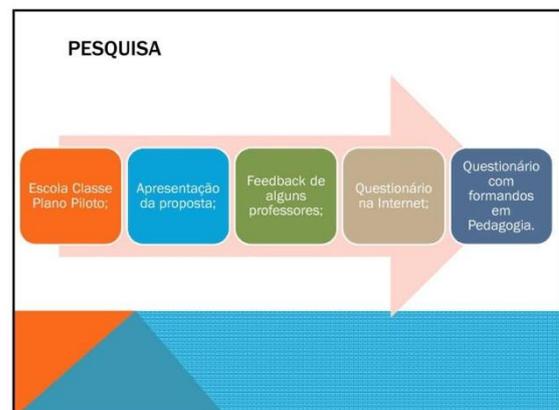
Museu Virtual

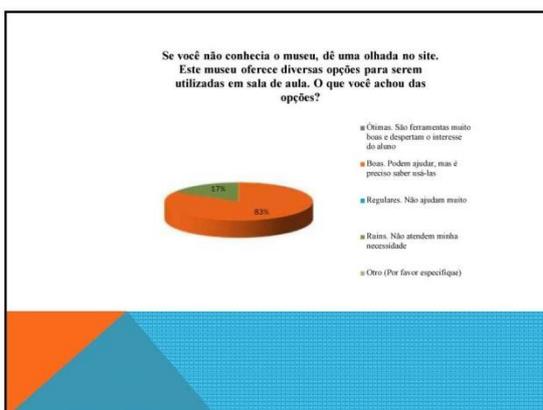
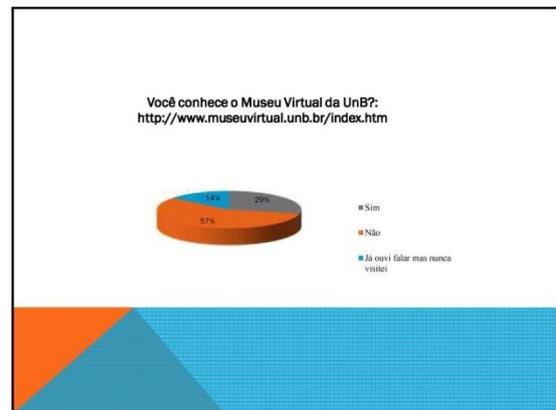
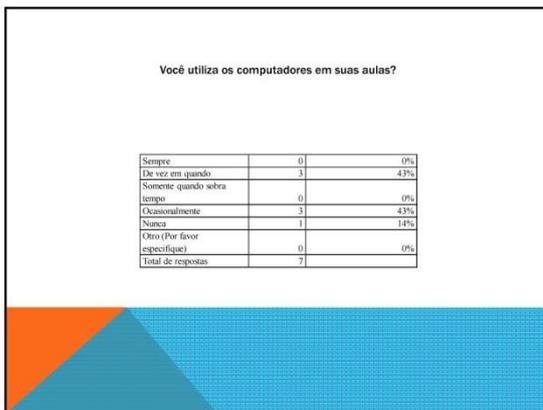
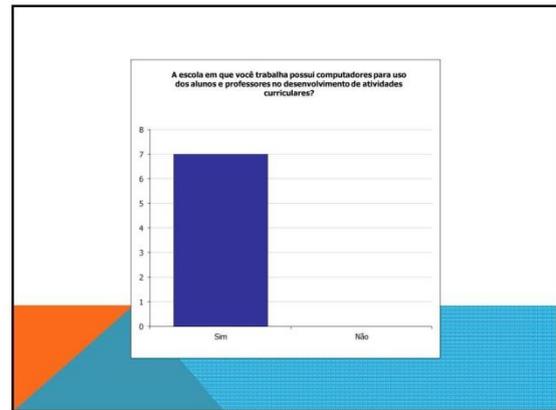
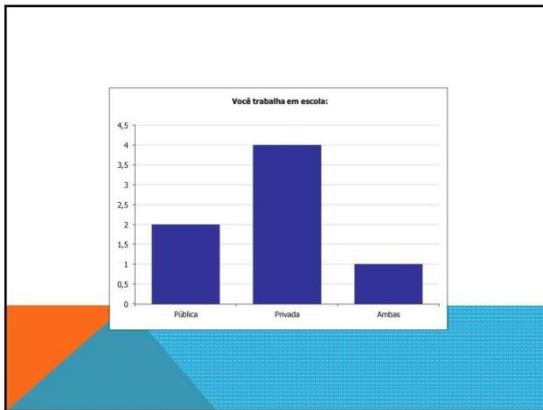
Os alunos serão apresentados ao Museu e deverão pesquisar além dele as áreas que lhe chamam mais atenção quando se estuda Brasília. Propõe-se, então, que em grupo, produzam um texto, um vídeo ou até uma imagem que seja síntese da pesquisa realizada. Esse conteúdo produzido, talvez em grupo, deverá ser compartilhado pelos alunos também através das redes sociais. Em sala de aula, o professor irá retomar comentários e impressões dos alunos em relação aos trabalhos dos colegas, previamente acessados na rede.

FERRAMENTAS E ESTRATÉGIAS

“Aulas expositivas”:

Mesmo com o uso das redes sociais e da troca de informações e conteúdo feita pelos alunos *online*, o professor que adotar o projeto deverá sempre retomar e trazer para a sala de aula o conteúdo difundido pela Internet. Em momentos como o descrito na estratégia “Museu Virtual”, o professor terá papel fundamental na mediação e esclarecimentos de possíveis dúvidas e enganos que, porventura, surgirem. Recomenda-se um encontro, uma aula, especificamente para esse bate-papo.





ANÁLISE

As escolas possuem computadores, porém os professores não costumam utilizá-los para as aulas;

Os professores veem potencial no uso das redes sociais no contexto escolar e dos computadores para aprendizagem dos alunos;

Todos têm Facebook, alguns Twitter e Facebook, mas pouco se relacionam com alunos;

Entre as dificuldades, citam o apoio técnico, a formação e habilidade para uso do computador e da internet e, por fim, a possível perda de atenção;

Poucos conheciam o Museu Virtual e, ao visitá-lo, definiram-o como uma boa ferramenta. Necessitando de articulação.

ANÁLISE

A estratégia de unir redes sociais e História chamou atenção dos participantes, principalmente, na articulação com o Museu e as Aulas;

Acreditam na capacidade técnica dos professores em aplicar o projeto, com ressalvas: como a formação do professor, a localidade da escola entre outros. Contudo, acreditam que um treinamento prévio podem viabilizar o projeto;

Apontam as redes sociais como ponto forte e a concentração do tema em Brasília, não nas demais RA's, como ponto fraco;

Como alunos, participariam do projeto. Ainda assim, apontam a necessidade do professor estimular a classe, mesmo quando no uso de uma estratégia que favorece a participação.

